

AUTISMO NA
TERCEIRA IDADE

MINICÉREBROS DE AUTISTAS
NO ESPAÇO

ESTUDO APONTA
PREVALÊNCIA DE 1 EM 30

R E V I S T A

Minicérebros de autistas no espaço

AUTISMO

ANO VIII - Nº 18 - SET/OUT/NOV 2022



#AutistaEmTodoLugar

AUTISMO EM
ANGOLA

ISSN 2596-0539
00018
9 772596 053005
DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

A primeira rede social do mundo dedicada ao autismo

Nós acreditamos que tecnologia de última geração é unir as pessoas gerando um efeito transformador

O QUE É A TISMOO.ME?

Tismoo.me é a primeira rede social do mundo totalmente dedicada ao autismo e às síndromes relacionadas.

Uma nova forma de reunir todo o ecossistema do autismo, deixando você a apenas um toque da informação que procura. Conteúdos específicos, que se adaptam perfeitamente ao seu perfil. E com curadoria, para que seja uma informação confiável e transformadora.

Um novo modelo de rede social, pensado para que as pessoas fiquem cada dia mais próximas da medicina personalizada. Tudo isso utilizando o que há de mais moderno no mundo tecnológico: "High Touch Technology" ou alta tecnologia do toque. Uma nova abordagem tecnológica totalmente centrada no indivíduo. Ou seja, a tecnologia a serviço do afeto, do cuidado, do compartilhamento e da humanidade. Afinal, desde sua fundação, a Tismoo tem um único objetivo: aproximar você daquilo que você mesmo considera mais importante!



tismoome the autism network



CIÊNCIA

“A Tismoo.me não só vai aproximar as pessoas da ciência, mas também acelerar as pesquisas sobre autismo e, de um jeito fácil e prático, estruturar os dados com muita segurança e privacidade.”

Alysson Muotri, neurocientista e pai de autista



SAÚDE

“Não estamos falando de uma rede social comum, somente para fazer amigos. A Tismoo.me surge para conectar as pessoas em prol da saúde, conectar médicos a terapeutas, a familiares, a autistas.”

Carlos Gadia, médico neuropediatra



JORNALISMO

“Queremos não apenas entregar um conteúdo útil e personalizado a cada um, mas sinalizar o quão confiável é cada informação. É muito mais que uma rede social, é uma plataforma que irá transformar este ecossistema, em benefício da pessoa com autismo.”

Francisco Paiva Jr., jornalista e pai de autista



TECNOLOGIA

Veja como conseguir gratuitamente seu convite exclusivo acessando www.tismoo.me



Já são milhares de famílias cadastradas.
Cadastre-se e garanta seu convite.

EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano VIII — número 18

Setembro de 2022

ISSN: 2596-0539

Distribuição gratuita

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 4.100 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
 editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
 xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
 marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Fabio Sousa ("tio .faso")

Colaboradores deste número:

Amauri de Araújo Sousa, Beatriz Raposo, Camila Alli Chair, Fábio Sousa ("tio .faso"), Fátima de Kwant, Fernanda Barbi Brock, Haydée Freire Jacques, Jonas Silva Ribeiro, Lucas Ksenhuk, Luciana Viegas, Marcelo Vitoriano, Maurício de Sousa, Nicolas Brito Sales, Paula Ayub, Renata Fridman, Samanta Paiva, Selma Sueli Silva, Sophia Mendonça, Thaís Mösken, Thiago Castro, Tiago Abreu, Wagner Yamuto.

Impressão:

LaborPrint

Patrocinadores:

Academia do Autismo, Grupo Método, Clínica Somar.

Fundadores (2010):

Martim Fanucchi
 Francisco Paiva Junior

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Para nos apoiar:

CanalAutismo.com.br/apoio

Redação:

redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:

CanalAutismo.com.br/assine

Site:

CanalAutismo.com.br/revista

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Banco de imagens:

Depositphotos

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/user/RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: issuu.com/RevistaAutismo

Editado por: PAIVA JUNIOR

R. Bela Cintra, 336 - cj. 74-A, Consolação
 São Paulo (SP), CEP 01415-000
 CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

EDITORIAL

Saber informações sobre autismo em outros países é essencial para entendermos não só a diferença cultural, social e econômica, mas também para entender como é ser autista em cada lugar do mundo, cada um com suas características próprias (que facilitam ou dificultam determinados aspectos).

O papo com a Ekanda Autista, de Angola, nos traz uma realidade diferente do Brasil, mas com muitas semelhanças e raízes comuns. Tão distante e tão próxima. Vale conferir, inclusive, o vídeo do papo todo que está no nosso canal no Youtube.

Outro destaque desta edição é o texto da coluna Liga dos Autistas, em que Jonatas Ribeiro fala sobre ser autista e ter filho autista, ou seja, a paternidade atípica. Mais que um bom conteúdo, enfatizo ainda a metalinguagem naquelas páginas como um todo. Isso porque a ilustração foi feita pelo Fábio Sousa, o "tio .faso", que também é um pai autista com filho autista. Para completar esse "pai-autista-verso", ele ilustrou com um personagem que é, como eles dois, um pai autista também com filho autista. Conteúdo mais genuíno, impossível!

Além de "minicérebros" de autistas

na Estação Espacial Internacional, uma reportagem sobre autismo na terceira idade (com versão estendida em áudio) e o "encontro de milhões" do André com a Denise, na HQ da Turma da Mônica, sublinho um outro assunto atual, mas que já deu o que falar: o estudo de prevalência do autismo nos Estados Unidos, apontando 1 autista em cada 30 crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos de idade. Não é comparável com os dados oficiais de prevalência daquele país, que estão atualmente na marca de 1 em 44, segundo o CDC (Centro de Controle de Prevenção e Doenças do governo dos EUA), mas liga um sinal de alerta para diversas questões (vale assistir à live sobre esse assunto com o neuropediatra Paulo Liberalesso, que ficou gravada no nosso Instagram).

No mais, finalizo voltando ao tema do autismo em Angola para repetir o elogio ao "tio .faso", mas desta vez por conta da magnífica ilustração que compõe a capa desta edição. Trabalho sensível e irretocável!

Boa leitura a você.



FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro "Autismo — Não espere, aja logo!" (editora M.Books) e pai do Giovani, de 15 anos, que tem autismo e é muito rápido para fazer contas de cabeça, e da Samanta, de 13 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.

NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para redacao@RevistaAutismo.com.br

Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

**'MINICÉREBROS'
DE AUTISTAS
NO ESPAÇO**

pág.12

**COMO CONVERSAR
COM QUEM NÃO
CONVERSA?**

pág. 16

ÍNDICE

**VOZES DA
MATURIDADE
- AUTISMO NA
TERCEIRA IDADE**

pág. 20

**O PEDIATRA E
O AUTISMO**

pág.34

1 EM 30 NOS EUA

pág. 44

**ADOLESCENTES
AUTISTAS**

pág.48

SESSÕES

o que é autismo?	pág.08
hq - andré e a turma da mônica	pág.09
canal autismo	pág.37

COLUNAS

matraquinha	pág.10
uma mãe preta escrevendo	pág.14
tudo o que podemos ser	pág.18
trabalho no espectro	pág.24
autismo severo	pág.33
introvertendo	pág.42
liga dos autistas	pág.46



AUTISMO EM ANGOLA

reportagem de capa

pág.28

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão online
desta edição com
conteúdo extra.



Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie-nos para nosso email (veja nesta página ou no expediente).



[instagram.com/RevistaAutismo](https://www.instagram.com/RevistaAutismo)



[fb.com/RevistaAutismo](https://www.facebook.com/RevistaAutismo)



twitter.com/RevistaAutismo



[youtube.com/user/RevistaAutismo](https://www.youtube.com/user/RevistaAutismo)



[linkedin.com/company/RevistaAutismo](https://www.linkedin.com/company/RevistaAutismo)

Quem colaborou nesta edição

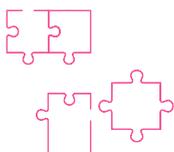


Apoie este projeto:
CanalAutismo.com.br/apoie

Assinaturas:
CanalAutismo.com.br/assine

CanalAutismo.com.br/Revista

redacao@RevistaAutismo.com.br



Artistas que ilustraram esta edição



LUCAS
KSENHUK

Artista plástico, 20 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

📧 lucasksenhuk.com
📷 @lucasksenhuk.art/



CAMILA
CHAIR

Formada em animação, cursou biologia, tem 32 anos, é vegana e seu hiperfoco são dinossauros e répteis, desde os 10 anos.

📧 deviantart.com/freakyraptor
📷 @camila_alli



BIA
RAPOSO

Artista plástica, arte educadora e provocadora cultural, ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu. Se apaixonou.

📷 @biabiaraposo



FÁBIO
SOUSA

Designer de formação, ilustrador por paixão, bonequeiro profissional e autista diagnosticado tardiamente.

📷 @seeufalarnaosaidireito



FERNANDA
BARBI BROCK

Autista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

📷 @fer.barbi.brock



MAURICIO
DE SOUSA

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Mauricio de Sousa.

📷 @institutomauciodesousa
📷 @turmadamonica



ALEXANDRE
BERALDO

Designer, ilustrador e gestor cultural, é o responsável pela edição de arte da Revista Autismo e outros projetos artísticos.

📷 @xandberaldo



SAMANTA
PAIVA

Estudante, irmã de autista, filha do editor da revista, desenha nos tempos livres, cria o tempo todo, tem 13 anos, é fã da banda Now United e da série Stranger Things.

Quer colaborar com
a Revista Autismo?

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a Revista Autismo, envie um email para **editor@RevistaAutismo.com.br**, se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).



CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code ao lado para ir ao site.

O QUE É AUTISMO?

Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.075 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 102 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o

quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico. Dentre os medicamentos indicados, a risperidona, que é da classe dos antipsicóticos atípicos, é o mais comum.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando cartões-postais do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher com TEA).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista (representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito com o espectro de cores do arco-íris), considerando o autismo como

identidade, uma característica da pessoa — data celebrada originalmente em 2005, pela organização britânica *Aspies for Freedom* (AFF).

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da juventude. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online.

Sinais de autismo:

- Não manter contato visual por mais de 2 segundos;
- Não atender quando chamado pelo nome;
- Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;
- Alinhar objetos;
- Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;
- Não usar brinquedos de forma convencional;
- Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;
- Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;
- Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);
- Não compartilhar interesse.
- Girar objetos sem uma função aparente;
- Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);
- Não imitar;
- Não brincar de faz-de-conta.
- Hiper-sensibilidade ou hiper-reatividade sensorial;





ANDRÉ em FAMA

© Instituto Maurício de Sousa - Brasil / 2022



Matraquinha



Wagner Yamuto

é pai do Gabriel (que tem autismo) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

f [matraquinhaoficial](#)
 Instagram [@matraquinhaoficial](#)
 WhatsApp [matraquinha](#)
 Website [matraquinha.com.br](#)

Ilustração: Bia Raposo - @biabiaraposo

O AUTISMO SEMPRE APARECE!

Passaram por lá diversos autores, youtubers, influenciadores e minha família.

Minha esposa Grazy, minha caçula Thata, meu filhão Gabriel, meu sobrinho Gustavo e eu também marcamos presença na feira do livro.

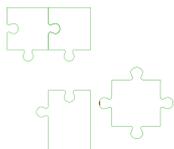
O primeiro dia do evento foi matéria nos principais telejornais e os estandes quase não apareciam, pois estavam encobertos por um mar de gente.

Sobreviventes do primeiro dia disseram que levaram 30 minutos para andar 15 metros entre a praça de alimentação e um estande com livros em promoções. Outros se perderam e, felizmente, poucos minutos depois se encontraram.

Lanches com preços e qualidade de eventos dessa magnitude: extremamente caros e sofríveis. Além do estacionamento custar uma pequena fortuna que poderia ser convertida facilmente em uns quatro livros.

Nada disso seria impeditivo para que minha família perdesse essa experiência cultural.

Preparamos uma mochila de dar inveja aos aventureiros que se arriscam a escalar o Everest, ela facilmente estaria pesando uns 10 quilos. Tínhamos snacks, água, suco, frutas, mudas de roupas, lenços umedecidos e álcool gel.





A noite que antecedeu nossa visita foi bem tranquila, nos alimentamos com comidas leves, assistimos a um filme divertido e tivemos uma excelente noite de sono.

Dia seguinte e já estávamos dentro da tão sonhada e esperada Bienal, aquele cheiro de livro novo é inconfundível, dezenas de editoras conhecidas se revezavam com editores independentes.

O meu filho Gabriel, autista nível 2 (grau moderado), entrou um pouco assustado, mas, para nossa sorte, o primeiro estande que surgiu à frente apresentava milhares de mangás, que é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa.

Entre um estande e outro, Gabriel se sentava no meio do corredor para descansar um pouco e ver algum vídeo no celular com pessoas contando até 100 ou desenhos do Naruto, personagem de anime japonês.

Aproveitávamos essas pausas para nos hidratar, comer alguma coisa e fazer com que a mochila perdesse alguns quilos. Porém, a cada banana que era comida, o espaço era substituído por um livro.

Meu filho intercalava sua atenção entre os mangás e os livros de conteúdo infantil, minha filha só pensava em tirar fotos com

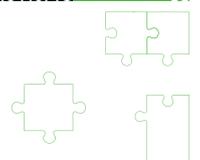
personagens de livros (como o cachorrinho Pum, o Diário de um Banana e a Turma da Mônica). Grazy e eu só ficávamos observando e aproveitando o momento, enquanto meu sobrinho estava empenhado em encontrar promoções de livros.

Algumas horas depois, todos exaustos, minhas costas estavam imprestáveis por causa da mochila, mas o sentimento era de felicidade pelo fato de termos sobrevivido ao passeio sem maiores intercorrências. Mesmo com todos os estímulos sensoriais, meu filho conseguiu suportar e levar tudo da melhor maneira possível.

No caminho da volta, deixamos o nosso sobrinho em casa e a Renata, minha cunhada, nos aguardava em frente ao prédio.

A Thata já estava dormindo no carro. Desembarcaram a Grazy, o Gabriel e eu para dar um beijo na Renata e em seguida pegar o caminho de casa. Além de tia, ela também é madrinha do Gabriel, e quando ele percebeu que aquela descida do carro seria apenas de poucos minutos, simplesmente se jogou no chão como se estivesse em uma piscina de bolinhas e não houve braços e costas suficientes para fazê-lo levantar.

E você aí achando que terminaríamos esse dia sem que o autismo fosse dar o ar da graça.



FRANCISCO PAIVA JUNIOR

é editor-chefe da Revista Autismo

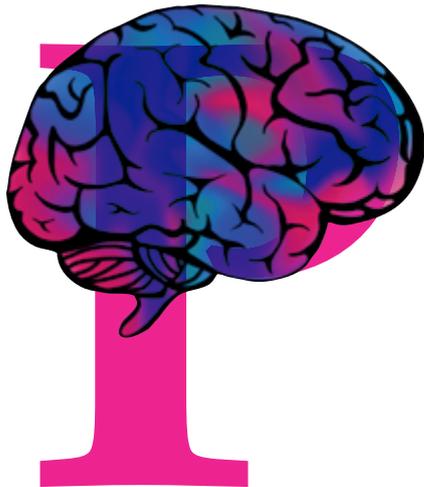
@PaivaJunior

@paivajunior

#AutistaEmTodoLugar

'MINICÉREBROS' DE AUTISTAS NO ESPAÇO

Num marco histórico para a ciência, pela primeira vez organoides cerebrais de autistas foram enviados à ISS



ela primeira vez na história organoides cerebrais ("minicérebros") derivados de autistas foram enviados para o espaço, feito conseguido pelo neurocientista brasileiro Alysson R. Muotri. O experimento zarpou na noite de 14.jul.2022, em parceria com a Nasa e a SpaceX. É a terceira vez que Muotri envia minicérebros para a ISS (International Space Station, em português: Estação Espacial Internacional),

porém as anteriores não contiveram organoides de autistas. A ideia é avaliar o que acontecerá com esses minicérebros de autistas na microgravidade, além do aceleração do envelhecimento que já se sabe. "Os organoides que estão indo têm alterações em genes relacionados à epigenética, ou seja, são genes que trabalham no empacotamento do DNA dentro da célula. E mais ou menos um terço das mutações de autistas



O custo deste projeto dos minicérebros chega a 1,5 milhão de dólares.

Ilustração: Samanta Paiva

são nessa categoria de genes, os epigenéticos, que estão relacionados com a cromatina do DNA. O que esperamos neste experimento é estudar a interação dessas proteínas com o DNA e sabemos que na microgravidade elas se alteram de forma a acentuarem os fenótipos”, explicou Muotri.

US\$ 1,5 milhão

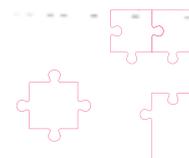
O lançamento aconteceu em Cabo Canaveral, na Flórida

(EUA), na noite de 14.jul.2022, às 21h44 (horário de Brasília). Essa é a missão SpaceX CRS-25 — também conhecida como SpX-25 — do Serviço de Reabastecimento Comercial para a Estação Espacial Internacional, contratada pela NASA e “pilotada” pela SpaceX, utilizando o foguete cargo Falcon 9 Block 5, movido a querosene de foguete e oxigênio líquido. O custo total da missão é de 52 milhões de dólares. Só o projeto dos minicérebros chega a 1,5 milhão de dólares. As missões anteriores que levaram organoides cerebrais humanos do Muotri Lab para a ISS foram em julho de 2019 e em novembro de 2020. Desta vez, a missão chegou na estação espacial no dia 16.jul.2022, às 12h20 (horário de Brasília).

Made in Brazil

O brasileiro Alysson Muotri é biólogo molecular formado pela Unicamp, com doutorado em genética pela USP, pós-doutorado em neurociência e células-tronco pelo Instituto Salk de pesquisas biológicas (EUA). Atualmente, é professor da faculdade de medicina da Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD), nos Estados Unidos, é cofundador da Tismoo Biotech no Brasil (*startup* de exames genéticos para autistas) e mundialmente reconhecido como um dos mais respeitados neurocientistas que trabalham com autismo. Além de Muotri, vários outros cientistas brasileiros da sua equipe trabalham nessa missão em parceria com a Nasa e a SpaceX.

Quer saber o porquê do neurocientista estar mandando organoides cerebrais para a estação? Então, não deixe de ler o artigo “Minicérebros no espaço? Pra quê?”, do Portal da Tismoo, e também assistir à explicação de Muotri no vídeo que está na versão online desta reportagem. ✚



Uma mãe
preta
escrevendo



Luciana
Viegas

É autista, mãe do Luiz (autista) e da Elisa, professora da Rede Estadual de São Paulo. Ativista pela neurodiversidade e membro da ABRAÇA. Atua nas redes falando sobre a relação entre a luta antirracista e anticapacitista.

 @umamaepretaautistafalando

Ilustração: beraldo ·  @xandberaldo

A ARTE E COMO OS ESTEREÓTIPOS NOS MARCAM

Não é segredo, e se você me lê há um tempo talvez saiba, que a falta de diagnóstico e de entendimento de pessoas pretas neurodivergentes é um problema que nos assombra. Primeiro, porque nós podemos ser submetidos a tratamentos e soluções violentas para o que nos cerca.

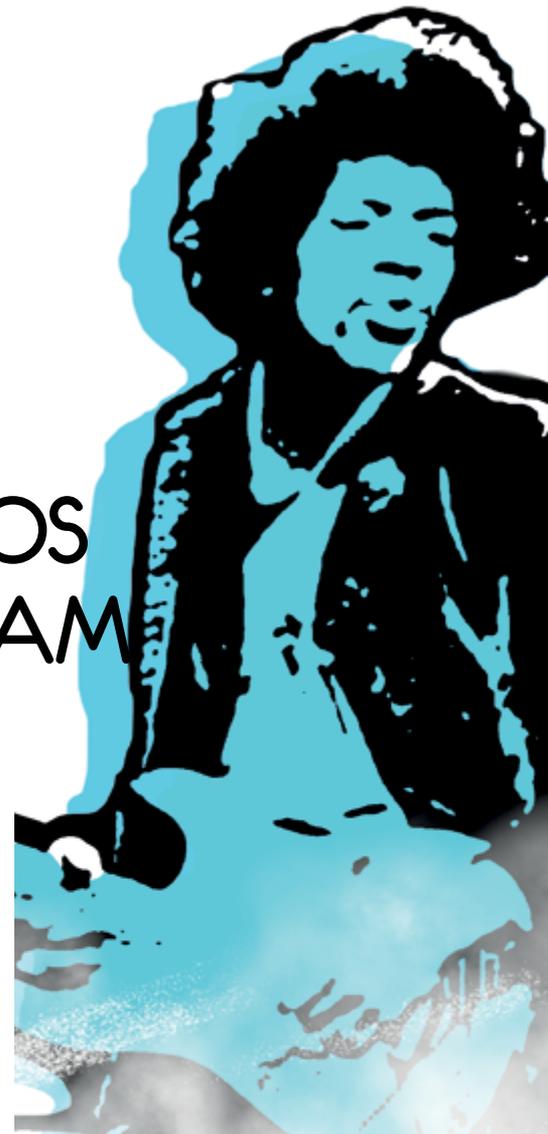
No mundo da música e da arte são muito comuns as histórias de artistas negros “exóticos”, ou que, por qualquer sinal fora da “tal da normalidade”, sejam associados ao consumo excessivo de drogas ou a representações bem estereotipadas. Essa distorção é outro ponto naquilo que a população negra sofre por conta de uma história de negligências e violências.

E eu quis construir uma lista de “artistas neurodivergentes pretos” que foram respeitados em sua complexidade e, ainda assim, se sobressaíram em sua arte. Essas foram as sugestões que encontrei no Google: nada! E talvez o dia de hoje seja pra gente refletir sobre esses estereótipos que nos cercam.

Mas, quando busquei sobre “artistas neurodivergentes”, ao colocar as palavras chaves no Google, o buscador me deu uma gama de artistas, na sua maioria brancos exóticos. O que não me surpreendeu, mas me fez refletir em o quê Jimi Hendrix se difere de Syd Barrett (Pink Floyd), uma vez que há rumores e suspeita de Barret ter sido neurodivergente, mesmo após a sua morte, enquanto nosso gênio das guitarras,

Jimi Hendrix, fica com a fama de “drogado e pervertido”, quando há apenas rumores, após a sua morte também. Mesmo mudando o rumo da música, nosso legado sempre vai tentar ser apagado, por rumores baseados em estereótipos.

Que a gente repense e reflita sobre como tratamos os nossos artistas pretos, que podem ser neurodivergentes, e que possamos não reforçar esses estereótipos marginalizantes sobre quem somos.



**Mais de
5.000**
exemplares
vendidos

Um livro ideal
para quem acabou
de receber o
diagnóstico ou
está em dúvida
sobre uma suspeita
de autismo.



**AUTISMO –
NÃO ESPERE,
AJA LOGO!**

autismo.paivajunior.com.br

**NAS
MELHORES
LIVRARIAS**

EDITORA M.BOOKS

M.BOOKS



PAULA AYUB

é psicóloga clínica, terapeuta de família, diretora do Centro de Convivência Movimento - local de atendimento para autistas -, autora de vários artigos e capítulos de livros, membro do GT de TEA da SMPD de São Paulo, membro do Eu me Protejo (Prêmio Neide Castanha) e colunista do Canal Autismo.

 @eumeprotejobr
 eu me projeto
 /eumeprojecto
 @eumeprotejoberasil/

COMO CONVERSAR COM QUEM NÃO CONVERSA?

Possível e terapêutico, mesmo sem ser terapia

Muito se tem escrito sobre autismo: sobre protagonismo, mercado de trabalho, residências, aprimoramento de habilidades sociais e tantos outros temas tão importantes para famílias e autistas.

De uma década e meia pra cá, quando falamos de autismo, não mais pensamos nas mãozinhas balançando, mas lembramos das frases incríveis de várias séries difundidas pelo mundo como *Atypical*, *Amor no Espectro*, *Parenthood*, entre outras.

Fato é que, em muitos lares, as mãozinhas continuam a balançar, crises são diárias e nenhuma palavra sai de milhares de bocas. Sim, o autismo clássico, como chamávamos há 30 anos, ainda existe e não são todas as crianças que desenvolvem as habilidades de leitura e escrita.



Na década de 80, pouco se sabia sobre autismo. A literatura era toda estrangeira e as pesquisas eram mais voltadas para a etiologia e muito menos para as práticas. Debruçávamo-nos sobre livros e livros, sim, livros, buscando portas ou janelas para um contato.

Donald Winnicott, famoso pediatra inglês que conversava com as mães pela rádio BBC entre 1943 e 1966, dava dicas de como reconhecer as necessidades dos bebês pelo choro: choro seco era raiva, choro com lágrimas poderia ser frio, fome e, com pequenas dicas, pouco a pouco as mães iam reconhecendo seus filhos e identificando pequenas conversas nos choros.

Partindo da premissa de Winnicott, de que choro tem significado, e do axioma de Watzlawick (psicólogo e notável teórico austríaco que estabeleceu cinco axiomas da comunicação entre indivíduos), de que “é impossível não se comunicar”, abrem-se portas e janelas para a comunicação com crianças que “não conversam”.

Aproximação respeitosa, delicada e partindo sempre do mundo de interesses da criança, o diálogo pode ser iniciado. Quando me refiro a uma aproximação respeitosa, quero dizer que não é a criança que não sabe falar ou se comunicar, mas que ambos, adulto e criança, precisam criar um repertório compartilhado de significados. Não é o adulto que ensina, ele aprende também com os sinais, gestos e sons de que a criança faz uso como sendo um repertório de comunicação.

A chamada comunicação funcional passa a fazer sentido quando há troca; quando o adulto entende o que a criança quer e vice-versa. Pistas visuais auxiliam muito nessa construção e podem ser usadas as cartelas de comunicação aumentativa alternativa, fotografias de

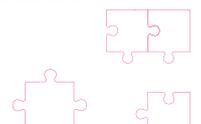
situações reais, ou qualquer outro vocabulário que possa ser compreendido e compartilhado com outros grupos.

Há que se dizer que a pressa não ajuda; ela impõe regras e limites, o que precisa ser feito com tranquilidade e passo a passo. São *baby steps* – passos de bebê – para um caminho longo e de persistência.

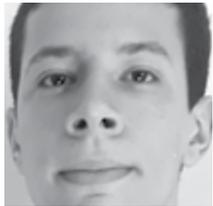
Unindo nosso pequeno recém construído repertório, aliado aos interesses da criança, iniciamos o que Piaget descreve como jogos de exercício; os jogos de 0-2 anos, período sensório-motor, com repetições de ações aprendidas, um exercício do saber motor recém adquirido. Cabe ressaltar que a repetição é a chave do fenômeno. Repetição para pegar a bola, repetição para jogar a bola, e não necessariamente nessa ordem. Construir e derrubar torres, abrir e fechar caixas, levar e trazer objetos, muitas e muitas vezes. Quando a criança fizer uma série inteira, como construir – derrubar – construir, podemos inserir pequenas mudanças no jogo. Por exemplo, construir, colocar um objeto no topo, derrubar e construir novamente. O acréscimo de pequenas e sutis alterações nos jogos de exercício são diferenças que não causam estranhamento à criança por estarem dentro do que Vygotsky chama de “zona de desenvolvimento proximal”. E assim, como em uma espiral de desenvolvimento, novos marcos serão formados.

Conversar e brincar com crianças que “não conversam” é possível e terapêutico, mesmo sem ser terapia. É ouvir a criança, porque ela sempre teve voz; e somos nós, adultos, que precisamos aprender e somar ao nosso saber o que é uma aproximação respeitosa. ✚

Fato é que, em muitos lares, as mãozinhas continuam a balançar, crises são diárias e nenhuma palavra sai de milhares de bocas. Sim, o autismo clássico, como chamávamos há 30 anos, ainda existe e não são todas as crianças que desenvolvem as habilidades de leitura e escrita.



Tudo o que
podemos ser



Nicolas
Brito Sales

tem 23 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo, profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro "TEA e inclusão escolar - um sonho mais que possível". Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, "Tudo o que eu posso ser", no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

 @nicolasbritosalesoficial

 tudooqueeupossoser@gmail.com

Ilustração: Lucas Ksenhuk -  lucasksenhuk.art

QUEREM SABER DE UMA COISA QUE EU ADORO DE CORAÇÃO? SER FOTÓGRAFO!



Esses dias, me deparei com fotos antigas que eu tirei de forma bastante imatura e inferior, se fizer uma comparação com as minhas fotos de hoje em dia. E, particularmente, acho isso um pouco vergonhoso, mas ao mesmo tempo extremamente fascinante, pois é impressionante a gente perceber como ficamos cada vez mais maduros e com olhares mais críticos, coisa que nem toda criança ou pré-adolescente tem ou entende.

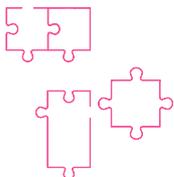
Estou falando sobre isso, porque eu gostaria de ser mais reconhecido com o meu trabalho de fotógrafo e não só ser reconhecido como um palestrante, que é inclusive a profissão que mais tem me dado dor de cabeça e estresse. Não que eu não goste de dar palestra, mas eu não gosto de viajar! Todos esses processos, como pegar fila, fazer check in, carregar malas, pegar o avião ou esbarrar em outras pessoas em lugares públicos têm me deixado cada vez mais estressado, apesar de, ao mesmo tempo, eu compreender a razão de tudo isso.

Não que essas viagens tenham me trazido só coisas ruins, tá? Não é isso que quero dizer. Elas têm e tiveram muitos benefícios! Por exemplo: ter feito muitas amizades no Brasil e no exterior, conhecer novos lugares, ter comido diversas comidas diferentes. Inclusive, isso ajudou bastante na minha seletividade alimentar e na minha comunicação com outras pessoas. Mas isso não é o suficiente para tirar todo o estresse da viagem.

Agora, eu quero dar mais atenção ao meu trabalho de fotógrafo porque é um trabalho que me dá prazer e me deixa feliz ao mesmo tempo. Aliás, estou super feliz e empolgado com minha participação no Festival de Artes Plásticas Tearteiro, que irá acontecer em São Paulo, dias 23 e 24.set.2022. Eu realmente mal posso esperar esse dia chegar, pois serei o fotógrafo principal do evento, como já fui outras vezes. Espero continuar com a minha carreira de fotógrafo, fazer mais eventos de fotografia e até participar de leilões, se for possível. Eu sei que isso tudo custa dinheiro, mas não custa sonhar, não é?!

Ah! E além da fotografia, vou continuar com o meu trabalho de escritor, mas isso é uma história para um outro texto.

Espero poder encontrar vocês em algum dos eventos de que participei em 2022.



Empoderando
a comunicação
do autista



MATRAQUINHA

app de comunicação para
ajudar autistas a transmitirem
seus desejos, emoções
e necessidades.

A comunicação é feita
através de figuras e que, ao
serem clicadas, fazem com
que uma voz reproduza o que
a criança deseja transmitir.

Disponível



MATRAQUINHA





SOPHIA MENDONÇA

é jornalista, escritora, apresentadora e mestranda em comunicação social. Foi diagnosticada autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI, é autora de sete livros, incluindo "Outro Olhar" e "Neurodivergentes".

 @autista_mundo
 Mundo Autista
 mundoautista.selmaevictor/
 @mundo.autista
 omundoautista.com.br

N

esta reportagem, vamos conhecer vivências de pessoas com diagnóstico ou suspeita de autismo que já estão na terceira idade e saber como os profissionais de saúde estão lidando com essa demanda. Isso, além de perceber como é a experiência desses idosos em família e em sociedade.

Autismo em idosos

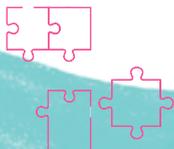
A psicogeriatra e professora universitária Giovana Mol observa que os idosos, de maneira geral, apresentam maior tendência a sintomas ansiosos e depressivos ou pensamentos suicidas, além de um maior risco de fragilidade clínica e quadros demenciais que alteram cognição e linguagem.

Ela observa que o desenvolvimento de comorbidades psiquiátricas é mais frequente em autistas, incluindo idosos. Portanto, é importante o rastreamento de tendências suicidas. Giovana Mol alerta para estudos iniciais, ainda sem comprovação, que sugerem algum componente genético

VOZES DA MATURIDADE

Autismo na Terceira Idade

Ilustração: Fernanda Barbi Bock -  @fer.barbi.brock



é jornalista, radialista, youtuber, escritora e especialista em comunicação e gestão empresarial. Foi diagnosticada com TEA (transtorno do espectro do autismo) em 2016. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI. É autora de três livros.



capaz de levar tanto ao autismo quanto ao Alzheimer de início precoce.

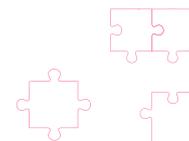
Algumas possibilidades dessa hipótese estão ligadas às comorbidades. Os transtornos depressivos, por exemplo, podem estar relacionados ao surgimento de Alzheimer. A psiquiatra pondera que, embora as pessoas autistas idosas possam apresentar menor isolamento social, em função do próprio autodesenvolvimento em sua trajetória, essa solidão, caso se manifeste, pode também ser um fator de risco para a demência. Ela percebe que os autistas idosos costumam estar mais abertos ao autoconhecimento e à elaboração profunda dos sentimentos, embora em alguns casos a falta de tratamento ao longo da vida possa culminar em comportamentos mais arreadios.

Madalena sempre teve sinais de TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) mesmo só tendo recebido recentemente essa identificação médica, durante o processo de investigação do diagnóstico de TEA (transtorno do espectro autista). Na infância, pelo comportamento "desligado", suspeitaram que tinha deficiência auditiva e visual. Ela sempre teve que fazer supletivos, ter aulas particulares. Pegava recuperação e tinha dificuldade de memorização. A primeira filha de Madalena tinha microcefalia e más formações. A senhora, de

68 anos, conta que a filha ficava melhor na casa da avó, porque com Madalena a menina tinha gatilhos para colapsos em função da interação com os amigos dos dois irmãos caçulas. A filha foi diagnosticada autista e teve melhora nos quadros de agressividade após o tratamento. Ela faleceu aos 40 anos com uma doença degenerativa.

Com a pandemia, Madalena pesquisou mais sobre autismo para pensar no que poderia ter feito pela filha, mas acabou ela mesma se identificando com o que encontrava. Recebeu diagnóstico de TDAH, mas não encontrou profissionais qualificados para avaliação de TEA. Um médico lhe disse: "inventaram a história que todo mundo que não olha nos olhos e balança a perninha é autista", o que a deixou confusa. A filha dela, que tinha o diagnóstico de TEA confirmado, olhava nos olhos, mas ela mesma só passou a se forçar essa interação depois de ser alertada pelo filho. "Mãe, por que você não olha para as pessoas na rua?", disse ele.

Ela conta que nem tinha notado que não fazia isso, e que



não entendia o porquê deveria fazer, considerando não conhecer as pessoas da rua. “Eu não posso ficar olhando direto, mas não posso ficar sem olhar. É uma preocupação horrível na minha vida. Tenho que olhar e depois desviar um pouco”, conta.

Madalena relata que a organização dos pensamentos rápidos melhorou após o tratamento medicamentoso para o TDAH. Apesar do parecer de um médico de outro estado indicar que, de fato, ela é autista - após solicitar testes e excluir outras patologias -, Madalena segue procurando profissionais para finalizar os protocolos necessários à confirmação do laudo. “No meu íntimo eu sei que sou, mas não sou médica. O médico é que tem que dar o diagnóstico”, pondera.

Vivências em família

Anita Brito, doutora em neurociências e palestrante, foi diagnosticada autista com altas habilidades em 2014. Seu pai, Arnaldo Brito, recebeu a identificação de TEA aos 72 anos. Ela também tem um irmão autista, além do filho, o fotógrafo e escritor Nicolas Brito Salles, cujo diagnóstico é de TEA nível 2 de suporte.

Ela observa que, por terem recebido diagnóstico tardio e consequentemente menor acesso a tratamentos adequados, tanto ela quanto o pai e o irmão enfrentaram transtornos relacionados à socialização, como a

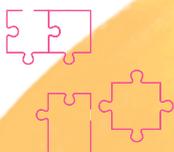


manifestação de síndrome do pânico e a dificuldade com amizades. Em relação ao pai, ele foi rotulado de louco ou de homem recluso, fruto do machismo estrutural de alguém nascido em 1941 (quando homens deveriam ser mais fechados e esconder seus sentimentos).

Ao lembrar a infância, Arnaldo conta que “não tinha crianças para brincar. Dei muito trabalho para a família. Até hoje sou mais na minha. Visto a roupa que tenho que vestir, me sinto bem fazendo do meu modo. Eu batalhei muito e cheguei aonde eu estou. Amo minha família, meus netos”.

Nicolas percebe que, como o avô e a mãe, ele é bem rígido no que se refere a sair de casa, embora queira trabalhar melhor essa dificuldade. O fotógrafo comemora a admiração do avô pela família e se surpreendeu pela idade em que veio o laudo, embora já notasse os traços em comum. “O Nicolas é o grau mais severo entre nós, mas em alguns aspectos foi o que melhor se desenvolveu. É o que melhor consegue sair de algumas situações”, observa Anita.

Em outro contexto, a profissional de tecnologia da informação (TI), Suzana Cardoso, foi diagnosticada autista após o pai, um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, com mais de 90 anos, ser identificado com transtorno do humor ao ser avaliado por um médico com especialização em psiquiatria durante uma emergência. Logo veio a constatação do quadro de, pelo menos,



fenótipo ampliado do autismo (FAA).

Suzana chama a atenção para as semelhanças entre ela e o pai no que se refere às questões sensoriais, especialmente no que diz respeito à hipersensibilidade ao frio e uma hiper-reatividade olfativa, que os leva a identificar odores rapidamente e a passar mal, mesmo quando ninguém mais percebe. Ela se preocupa com a hipossensibilidade à dor, porque tanto ela quanto o pai já passaram por situações perigosas em razão dessa característica. Ele, por exemplo, chegou a ter o dedo decepado sem uma dor expressiva, o que atrasou a tomada de providências.

Por essas e outras, Suzana considera que o diagnóstico jamais será um rótulo. Para ela, o laudo não existe para justificar crises, por exemplo, mas para perceber porque elas acontecem e, assim, buscar estratégias para que suas causas sejam trabalhadas e observadas, de modo que os comportamentos não prejudiquem a própria pessoa, nem suas relações interpessoais.

Ressignificar e Intervir

A doutora em neurociências, Annelise Júlio, observa que muitos idosos autistas vêm de uma trajetória marcada por falta de pertencimento, que se associam a sintomas de ansiedade e depressão. Muitos têm histórico de abuso físico e psicológico, o que pode

complexificar a análise de um diagnóstico diferencial.

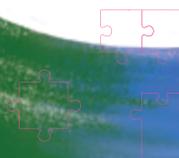
“Do ponto de vista da terapia eu entendo que os maiores desafios são aqueles associados à rigidez, primeiro da idade e depois do próprio perfil de rigidez cognitiva. Como ao fazer propostas de mudanças de comportamentos e hábitos disfuncionais que a pessoa teve a vida toda e que geram sofrimento, mas pensar em mudar, para eles, às vezes acaba soando mais sofrido que a própria mudança”, comenta Annelise. “Mesmo nos idosos, entender sobre os perfis ajuda no processo de ressignificação, até para eles mesmos. Não é porque é idoso que não precisamos falar em qualidade de vida, e as intervenções são mais assertivas o quanto mais específicas elas são”, pondera a neuropsicóloga. ✚

Use o QR-Code desta página e acesse o podcast produzido para esta reportagem.

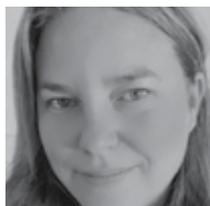


Leia este QR-code com seu celular e acesse conteúdo extra.

“Mesmo nos idosos, entender sobre os perfis ajuda no processo de ressignificação.”



Trabalho no Espectro



Renata Fridman

convidada especial para escrever a coluna neste trimestre, é advogada, voluntária de algumas instituições sem fins lucrativos e cofundadora da BasicX.199, um negócio de impacto social que fomenta o empreendedorismo da rede da pessoa com deficiência, principalmente intelectual.

 @basicx.199
 basicx199
 basicx199.com.br

31 ANOS DA LEI DE COTAS



Dia 24.jul.2022 foi o aniversário da Lei n.º 8.213, dze 1991. Há 31 anos a Lei da Previdência Social foi promulgada, e em sua Seção VI, Subseção II “Da Habilitação e da Reabilitação Profissional”, ela embutiu dispositivos que obrigam empresas a destinarem uma parcela de suas vagas para pessoas reabilitadas, habilitadas ou com deficiência, conforme texto vigente:

“Art. 93. A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção:

- I – até 200 empregados: 2%;
- II – de 201 a 500: 3%;
- III – de 501 a 1.000: 4%;
- IV – de 1.001 em diante: 5%.”

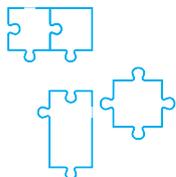
Pesquisando dados oficiais, vimos que, atualmente, a participação dos(as) trabalhadores(as) com qualquer

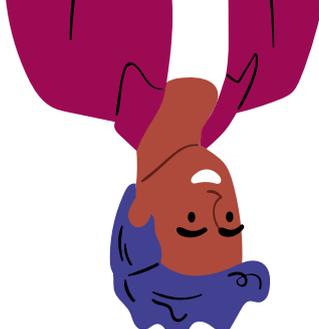
deficiência é de 1,1% sobre o total de vínculos formais ocupados. Em relação ao recorte por tipo de deficiência, a maior parte das vagas foi preenchida por trabalhadores(as) com deficiência física (47,1%), auditiva (23,9%), além da visual (12,6%), intelectual (9,6%), múltipla (5,1%) e reabilitados (1,6%).

Ou seja, praticamente 0% da população em idade laboral é de pessoas com deficiência intelectual (DI) inseridas formalmente no mercado de trabalho. Desconcertante.

De fato, as ações de fiscalização por parte do Ministério Público quanto ao preenchimento de vagas pela PcD contribuem para o avanço nas contratações.

Entretanto, quando a aplicação de multa é levada ao Poder Judiciário, é muito comum que haja a dispensa de aplicação de penalidade quando as empresas comprovam terem “enviado seus melhores esforços” para contratar





as pessoas com deficiência, sem logrem localizar candidatos às vagas. Na maioria das vezes o Tribunal Superior do Trabalho não adentra no mérito quanto ao tipo de vaga e à qualificação requerida pela empresa. Quiçá uma vaga idealizada especialmente para dar cabo à Lei.

Ainda por parte do Judiciário, uma notícia “não ruim” é que o STF recentemente julgou o Tema 1046 e entendeu não ser cabível que acordos e convenções coletivas do trabalho deliberem sobre Direitos Absolutamente Indisponíveis – aí incluídas as vagas destinadas às pessoas com

deficiência e, conseqüentemente, a diminuição da base de cálculo para o preenchimento destas vagas, tal como alguns setores praticavam.

Pesquisa recente realizada pela Great Place to Work sobre tendências para gestão em 2022, a qual contou com 2654 respondentes da área de Recursos Humanos e de cargos de liderança, revelou que o tema diversidade e inclusão (D&I) — que estava ganhando força ao longo dos anos em que a pesquisa fora realizada — despencou. Em 2021 o foco em D&I representava 37%, e em 2022 foi para 17,9%. Dentro do grupo de Diversidade e Inclusão as empresas focaram a maioria de suas ações junto ao grupo de mulheres com 28%, 21% com o grupo étnico-racial, 20% com as pessoas com deficiência, 19% com o público LGBTQIA+, 10% com o grupo 50+.

Os dados acerca da incidência da deficiência são gigantes. Aproximadamente há 45 milhões de pessoas com deficiência no Brasil (24% da população), e destas, 2,4 milhões se auto-declararam com deficiência intelectual. Uma nota técnica de 2018 propondo releitura dos dados reduziu o número total para 12,7 milhões — mantendo o número da deficiência intelectual. Sabe-se que a subnotificação é um fato e que até hoje o transtorno do espectro do autismo (TEA) nunca havia sido incluído na pesquisa do Censo — o que está sendo realizado neste ano.

Claro, quem paga a conta é a sociedade. No mês de março de 2022, foram quase 3 bilhões de reais com o BPC para pessoas com deficiência.

Penso ser urgente uma mudança profunda de cultura por parte de diversos setores públicos e privados.

Face à nula inserção formal, e ao cenário negativo que as pessoas com

deficiência enfrentam, o empreendedorismo torna-se uma alternativa efetiva para a geração de renda por parte desse público.

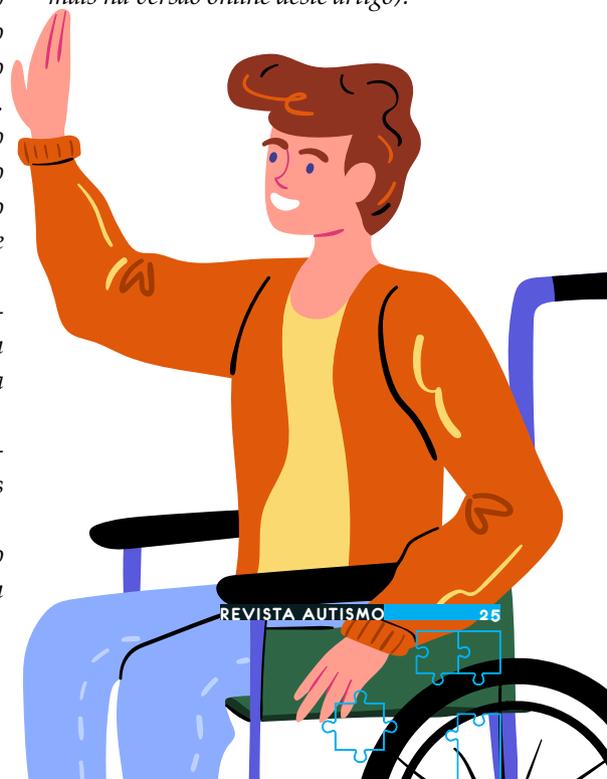
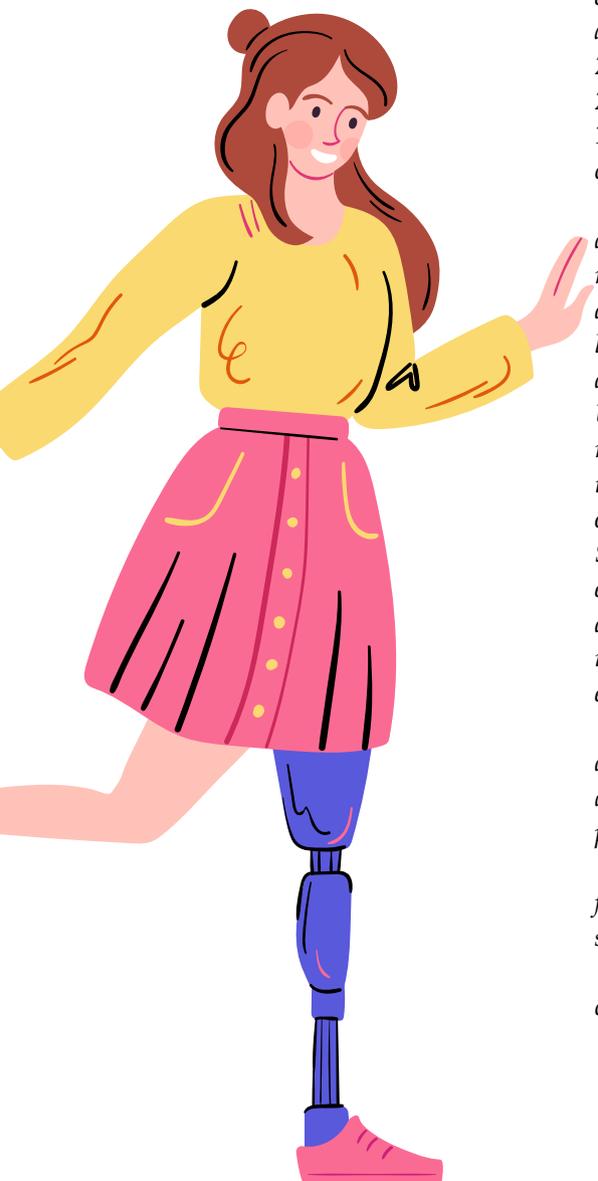
Meu filho tem a síndrome do X-Frágil (depois da Síndrome de Down, a segunda síndrome causadora da deficiência intelectual), e apesar de ele ter apenas 8 anos, quis entender um pouco sobre o que nos aguarda: a vida adulta da pessoa com deficiência.

Fiquei negativamente impactada com toda a estrutura que encontrei. A atuação pública e privada ainda pecam para dar cabo, minimamente, de uma lei que tem 31 anos.

Mergulhada num grande problema, vi a oportunidade da solução e estava com a motivação a mil.

Fundar um negócio de impacto social objetivando fomentar o empreendedorismo da rede da pessoa com deficiência, principalmente intelectual, me pareceu ser uma resposta legítima e positiva. E assim nasceu a Basicx.199 (dê um google aí!).

Mas isso eu conto em outra oportunidade aqui (os mais curiosos podem saber mais na versão online deste artigo).



A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE

Com o avanço de estudos e pesquisas a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o número de diagnósticos vêm crescendo a cada ano.

Com informações e notícias sobre TEA amplamente divulgadas, muitos pais/responsáveis e até mesmo adultos com dúvidas sobre si, tem buscado cada vez mais cedo a ajuda de profissionais em busca de um diagnóstico para tratamento adequado. Mas será que é necessário aguardar o resultado diagnóstico para que terapias e intervenções sejam iniciadas para crianças com suspeitas de estar no espectro?

Primeiro, vamos entender um pouco sobre o número de autistas que estima-se hoje no nosso país. De acordo com um relatório do CDC (Center of Diseases Control and Prevention) de dezembro de 2021, a prevalência de autismo entre crianças de 8 anos aumentou em 22% em relação ao estudo anterior. Antes havia 1 autista para cada 54 crianças, enquanto no último, era 1 autista para cada 44 crianças. Segundo Francisco Paiva Jr, autor do livro "Autismo - Não espere, aja logo!", cofundador e editor-chefe da Revista Autismo, se estes dados fossem referentes ao Brasil, o país teria cerca de 4,84 milhões de autistas. Entretanto, apesar de alguns estudos em determinados estados, não tem-se ainda um número de prevalência no Brasil.

O que esses números têm relacionados a diagnósticos precoces?

Acontece que com o aumento da procura por profissionais, o número de diagnósticos conseqüentemente aumenta também. E qual a razão de quanto antes o diagnóstico, melhor? Uma criança que passa por intervenção o mais breve possível, em quaisquer áreas que tenha dificuldade, apresentará melhores resultados, e assim sendo, mais avanços. Por isso, é tão importante o diagnóstico precoce; para que desde cedo, a criança já inicie com terapias e intervenções necessárias para seu caso.

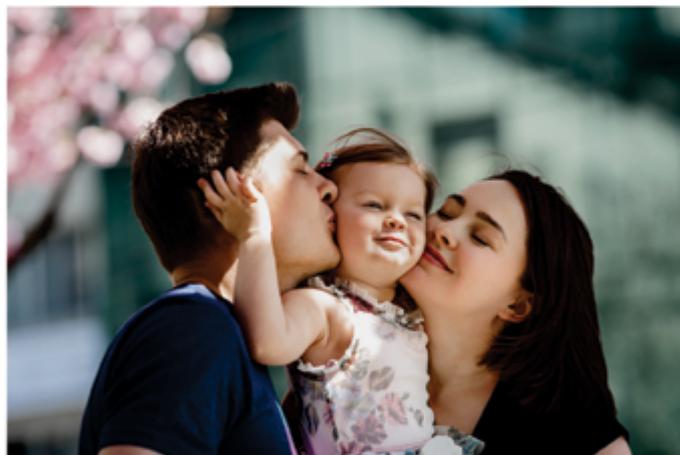


Segundo a psicóloga Chaloê Comim, especialista em TEA, não há necessidade de esperar uma confirmação diagnóstica, para iniciar as terapias e intervenções. "O diagnóstico é uma classificação formal, então, ele é importante e necessário para facilitar a comunicação entre profissionais da saúde e, no caso do autismo,

garantir acesso aos direitos previstos em lei (como por exemplo, Lei Berenice Piana e Direitos previstos para Pessoas com Deficiência). Mas, é importante saber que existem marcos do desenvolvimento infantil. Para atestar que o desenvolvimento de uma criança está dentro do esperado para sua idade, ela deve estar de acordo com estes marcos. É possível notar sinais que alertam para o TEA nos primeiros meses de vida."

Ainda de acordo com ela, um profissional especializado, será capaz de avaliar e diagnosticar se está tudo de acordo ou se há algum atraso no desenvolvimento. A avaliação no autismo, deve ser feita por equipe multidisciplinar, mas pode levar um tempo considerável, pois a idade média para um diagnóstico de autismo varia entre 3 a 5 anos.

"O tempo no Autismo vale ouro. O ideal é que o diagnóstico seja feito nos primeiros anos de vida, pois a Neurociência aponta que dos 0 aos 3 anos de idade, o cérebro da criança tem maior flexibilidade para substituir e formar novos circuitos sinápticos, corrigir atrasos e falhas no desenvolvimento, através de estimulação. Então, seria esta a fase ideal para intervenções."



Para realização das intervenções, os profissionais que acompanham a criança definirão em quais áreas ela precisa de auxílio e a partir daí começar com as terapias, trabalhos e desenvolvimentos para a área em atraso, que precisa de atenção. Chaloê assegura ainda que a qualquer sinal de atraso no desenvolvimento infantil, os pais devem procurar ajuda profissional: "Se há prejuízo na comunicação (verbal/ não verbal/ social) ou se há comportamentos restritos e/ou estereotipados, não espere! Se nota que algo está errado, não espere! Procure ajuda de especialistas e informações fidedignas sobre o assunto. Há intervenções comportamentais que estimulam o desenvolvimento, que é possível aprender e fazer em casa usando brinquedos e criatividade."

Créditos: Nathalia Barreto

O DIA DE INICIAR A INTERVENÇÃO COM SEU FILHO, ALUNO OU PACIENTE COM TEA É HOJE.

*O curso em
Terapia ABA
no Autismo visa
capacitar e melhorar
as relações entre
cuidadores
e pessoas com **TEA**.*



**Certificado
e carga horária
de 120 horas**



Matricule-se!

cursoaba.academiadoautismo.com.br

DÚVIDAS SOBRE O CURSO EM TERAPIA ABA PARA PAIS E APLICADORES ENTRE EM CONTATO POR: (22) 98842-8540

FRANCISCO PAIVA JUNIOR

é editor-chefe da Revista Autismo

 @PaivaJunior

 @paivajunior

#AutistaEmTodoLugar

AUTISMO EM ANGOLA

REVISTA AUTISMO 28





Ekanda é uma
associação
que atende
a população
autista angolana
mais vulnerável



erca de 7.100 quilômetros separam o Brasil de Angola, que fica no Oeste da África, também banhada pelo Atlântico. Com uma população de aproximadamente 15% da brasileira, o país africano tem o tamanho do estado do Pará.

Se transpusermos a prevalência do último estudo oficial dos EUA (de 1 em 44), teríamos a estimativa de 750 mil autistas em Angola. Se ficarmos com os números conservadores da Organização Mundial da Saúde (OMS), o número seria de 330 mil autistas angolanos. Seja um ou outro, em todo lugar do mundo o autismo é uma questão relevante de saúde pública.

Muito parecido com o Brasil, o país também enfrenta grande desigualdade social e, como nós, muita dificuldade no diagnóstico e tratamento do autismo, principalmente por parte das famílias com menos poder aquisitivo. Mas, lá também tem muita gente preocupada com isso e fazendo algo para mudar essa realidade. Brasileiros e angolanos se uniram pela causa e criaram uma associação para promover um impacto social naquele país: a Ekanda.

Brasil + Angola

Ekanda é uma associação

que apoia pessoas com autismo e suas famílias, criada em 2017, cujo foco principal é a conscientização. Seu nome oficial é Associação Mundo Azul (AMA) de Apoio às Famílias e Crianças com Autismo. O nome fantasia, “Ekanda”, significa “nação” no idioma kimbundu, uma das línguas nacionais de Angola.

Luciana Costa, cofundadora e coordenadora da associação Ekanda, é mineira de Belo Horizonte, casada com um angolano, reside em Angola há 18 anos. Ela tem três filhas, sendo a caçula autista, a Gabriela, hoje com 15 anos de idade, e que também tem deficiência intelectual. “Há quinze anos, não havia opções de atendimento aqui e não se falava das pessoas com deficiências, elas estavam ‘escondidas’ em casa, com uma grande dificuldade das famílias em aceitar o autismo. Hoje temos diversas clínicas particulares e vimos um grande aumento de discussões sobre o tema depois do congresso que tivemos aqui em Luanda”, contou Luciana.

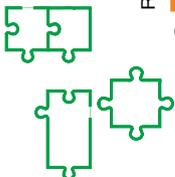
Claudeci Euzébio de Oliveira Gago, outra cofundadora da Ekanda e simpatizante da causa, é uma espécie de “coringa” da associação, executando diversas funções. Também casada com um angolano, ela foi convidada pela sua comadre, a médica Inês Fortunato, que tem dois filhos autistas, e é outra cofundadora da Ekanda.

São três brasileiras na associação, além de Luciana e Claudeci, Sandra Freire é a terceira. Os demais são angolanos, além de Inês Fortunato, já citada, ainda temos: João Cardoso, Sandra Santos e Tatiana de Matos (atual presidente).



Reprodução

Claudeci e Luciana, em videochamada com a Revista Autismo



O início de uma jornada

A Ekanda surgiu com a primeira conferência de autismo em Luanda, em 2017. “Foi uma grande conferência, com a participação de vários atores da sociedade, políticos, aí surgiu a Ekanda. Nossos objetivos são: primeiro, levar a informação sobre que é o autismo para a população; o segundo é a formação de educadores e pessoas ligadas à saúde — firmar parcerias com o Ministério da Educação, com o Ministério da Saúde para levar conhecimento também aos profissionais dessas áreas —; e o terceiro e último objetivo seria, no futuro, criar um centro de neurodesenvolvimento em Luanda. Nossa associação atua em Luanda atualmente, mas tem permissão para atuar no país inteiro”, lembrou Claudeci.

Logo em seguida à conferência de 2017, a associação fez uma parceria com a Unicef — Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância — e promoveu um treinamento na província angolana de Bié.

Contra o *bullying*

No final de 2020, a associação atuou com 900 crianças no ensino público de Cassenda, subúrbio de Luanda, uma região de grande vulnerabilidade, levando educação contra o *bullying*, com foco no respeito às diferenças. A instituição também faz acolhimento e orientação às famílias, além de levar palestras a empresas e outras entidades para conscientizar sobre os sinais de autismo e a importância da intervenção



Divulgação

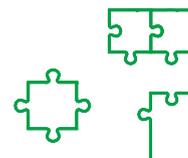
Equipe Ekanda

precoce. “Ainda não temos uma sede, um espaço. Então, nosso trabalho hoje é atuar com as comunidades, buscando dar uma supervisão de profissionais para que eles consigam atuar com aquelas famílias”, contou Luciana.

Há dois anos, a psicóloga Beatriz da Cruz Filipe e a médica Inêz Fortunato fazem um trabalho de acompanhamento e orientação a famílias.

Neste ano, por meio de uma parceria com a igreja católica na Diocese de Viana, município vizinho a Luanda, com muita vulnerabilidade social, a Ekanda está iniciando um curso de formação para vinte profissionais de saúde e outros profissionais da comunidade local, entre eles, freiras e professores.

Além desse trabalho, a instituição leva informação a centros maternos. “Ainda há muita fragilidade nas questões iniciais do autismo. Nós abordamos o diagnóstico e a intervenção precoces. Ou seja, na gestação, as habilidades esperadas, os sinais de alerta e possibilidades de estímulos





dentro da realidade local. Não é o ideal, mas é pensando no que é possível fazer naquela comunidade”, explicou Claudéci Gago.

A realidade de Angola

Quase todo o atendimento existente é particular, acessível apenas à classe média. “Tem uma clínica famosa aqui, particular, que tem uma lista de espera de 150 famílias. O custo é muito elevado aqui. Minha filha, Gabriela, deveria estar contando com três terapias diferentes. Mas eu só consigo pagar uma!”, lamenta Luciana Costa.

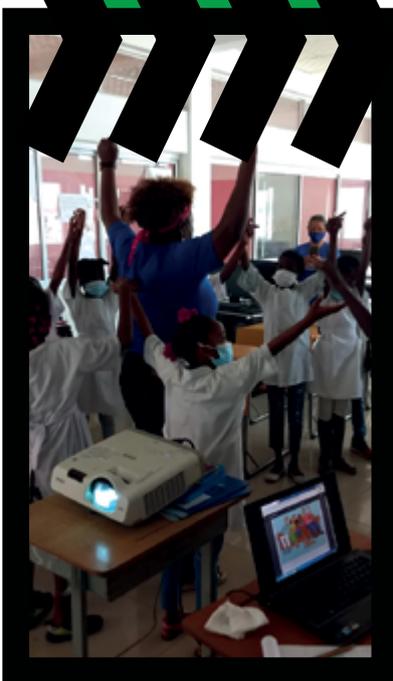
Quem tem mais poder aquisitivo busca atendimento fora do país. Algumas famílias mudam-se para Portugal em busca de terapias. Muitas vezes, o pai fica em Angola, trabalhando para prover recursos financeiros e bancar o restante da família fora do país para o tratamento. O sistema de saúde pública de Angola é muito precário e ainda tem muitas demandas mais emergenciais que o autismo, como evitar a mortalidade infantil. “A prioridade é muito maior nas outras causas. Por exemplo, a malária recebe muito apoio, qualquer instituição que atua no combate da malária vai receber apoio do Ministério da Saúde e de outras empresas, porque é o que mais mata aqui e o que mais choca. São tantas deficiências [mais graves] que é

preciso atuar antes... O autismo não é prioridade aqui”, relata Claudéci Gago.

Aproximadamente 40% dos 33 milhões de angolanos estão atualmente abaixo da linha de pobreza. Segundo a Unicef, cerca de 15% da população infantil sofre de subnutrição grave, a taxa de mortalidade infantil no país é de 44 mortes em cada 1.000 nascidos vivos. Cerca de 68 crianças em cada 1.000 morrem antes de completar os 5 anos de vida no país, que é o número 148 no ranking do IDH (índice de desenvolvimento humano) da ONU. No Brasil, a mortalidade infantil é de 13,1 por 1.000, também de acordo com a Unicef.

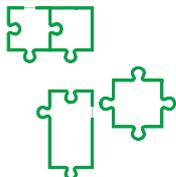
A Ekanda busca ajuda tanto financeira quanto com trabalho voluntário de profissionais a fim de expandir sua atuação e atender às demandas já existentes na comunidade. Para quem quiser fazer contato, o email da Ekanda é geral@ekandautista.com e o site da associação é www.ekandaautista.com.

Assista à nossa conversa em vídeo com a Ekanda na versão online desta reportagem ou no nosso canal no Youtube. ➡



Ekanda / divulgação

Projeto Autismo na Escola, da Ekanda



IMPRESCINDÍVEIS

Autismo Severo



Haydée
Freire
Jacques

é casada e mãe de dois filhos, sendo o mais moço autista severo. Formou-se em odontologia, exerceu a profissão até 2006, quando decidiu dedicar-se integralmente ao filho.

Ilustração: Fernanda Barbi Brock @fer.barbi.brock

Se temos filhos, forçosamente temos preocupações. São diferentes, no entanto, de acordo com os filhos.

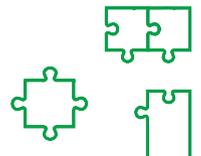
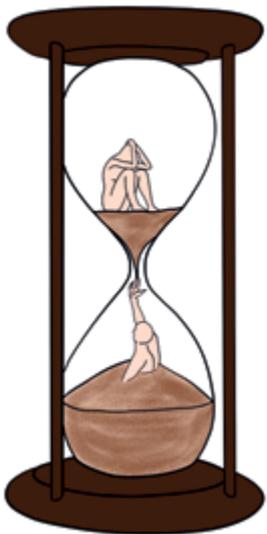
Meu caçula, de trinta e um anos, está no espectro autista. Caso clássico, não verbal, com muitas dificuldades específicas. Certamente não terá como ser autossuficiente na vida. Mas, quanto menos dependente, melhor. Precisamos ser realistas, até para preparar, minimamente, o futuro.

Se nosso filho tiver certa independência econômica, ele se tornará uma carga menos pesada a quem quer que venha a se responsabilizar por ele. Estamos trabalhando nisso, principalmente em termos legais. Existem mecanismos que possibilitam que filhos sejam dependentes do pai (ou da mãe) vindo a herdar sua aposentadoria. Tudo perfeitamente legal, mas não automático. Há necessidade de alguns procedimentos jurídicos que, apesar de demorados e burocráticos, são eficientes.

Outro objetivo é a autonomia nas atividades diárias. Essas são habilidades fundamentais, mas, em alguns casos, precisam ser muito bem treinadas. Como aqui em casa, por

exemplo. No entanto, para além da capacidade individual de tomar um banho ou escovar os dentes, há aquela mais complicada, de se auto determinar. Quando tomar banho? Que roupa vestir? Isso é mais complicado. Enquanto estamos com nosso filho, tudo bem, nós damos o comando. Mas, nem sempre estaremos, então é preciso aprender. Por outro lado, não dá para ser algo dogmático, afinal, se um dia qualquer você não consegue tomar seu banho na hora habitual é necessário ter uma certa tolerância para encarar mudanças de rotina. Sem falar na insistência diária. Meu filho, se puder, “esquece” o que já aprendeu, se eu bobear. Outro detalhe é saber dosar a recompensa, no caso em pauta, o elogio. É preciso que ele aprenda a fazer suas tarefas, bem feitas, na hora correta, sem precisar de alguém para lhe assegurar que ele fez tudo certinho! Trabalho em tempo integral. Não impossível, mas cansativo e, por isso mesmo, não deve ser feito com pressa ou prazos. No meu caso, o que não deu para fazer hoje, faz-se amanhã. Aos trinta e um anos, todo aprendizado é lucro. E eles ocorrem, lentamente, mas sempre como acontecimentos agradáveis.

Pois então, há muita coisa a fazer no prazo de uma vida. E tudo isso só porque eu quero que um certo ditado, que eu ouvia muito de minha madrinha, se mostre verdadeiro: “de imprescindíveis o inferno está cheio!” É isso, posso até ir para o inferno, mas não quero ser imprescindível para meu filho quando eu me for.





THIAGO CASTRO

é pai do Noah (TEA), médico pediatra, pós-graduado em tratamento do autismo e pós-graduado em emergências e urgências pediátricas.

 drthiagocastro.com.br

 [@dr.thiagocastro](https://www.instagram.com/dr.thiagocastro)

O PEDIATRA E O AUTISMO

A preciosidade do tempo



Q

Qual o real papel do pediatra no autismo?

É triste ouvir tantas histórias de pais que tiveram o atraso de seus filhos desacreditados pelo pediatra.

Pediatras devem ser porto seguro, bálsamo para essas famílias, porém infelizmente muitos acabam sendo pedras de tropeço.

Será que os pediatras devem se apequenar tanto diante do autismo? Será seu papel encaminhar para o neuro e fono?

Lógico que isso não é regra. Há muitos profissionais que fazem a diferença.

Mas, com tantas histórias relatadas pelas mães, percebemos um padrão.

Além de não acolher a queixa da mãe, uma quantidade significativa de profissionais ainda falam:

“É normal! Menino demora mais.”

“Tudo agora é autismo.”

“Podemos esperar até os 03 anos.”

“Cada criança tem seu tempo.”

Em 84,2% das vezes é o pediatra o primeiro a ser procurado, segundo o Manual de Orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), de abril de 2019. Pediatria é a especialidade do desenvolvimento da criança.

Precisamos cada vez mais

que os pediatras estejam capacitados, prontos para de fato fazer o diagnóstico, tratamento e mostrar caminhos a serem seguidos.

O pediatra pode sim fazer o diagnóstico de autismo.

Não só pode, como é necessário. Pois, em um mundo ideal, seria perfeito se tivéssemos neuropediatras e psiquiatras infantis para cada criança com atraso no neurodesenvolvimento.

Mas, não há e nunca haverá ante a crescente de casos. E vemos que, por vezes, crianças ficam meses em filas de espera para uma consulta, ou pior, em razão da amplitude geográfica do Brasil, ter um neurologista próximo é algo que talvez nunca aconteça.

Pediatras não devem fazer essa criança perder um tempo precioso até chegar ao especialista. Quando nós somos o especialista do desenvolvimento infantil.

O texto não é para criticar pediatras, muito pelo contrário, é para que haja um despertar sobre o assunto! Para mostrar o quanto somos importantes e podemos fazer a diferença.

Pois, no autismo, o mais precioso é o tempo! E esse não deve ser comprometido, principalmente por nós. ✚





Mudando o mundo, uma rua de cada vez

O Grupo Método é um Centro de Intervenção Comportamental Interdisciplinar, que oferece atendimento para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), deficiência intelectual e/ou outros transtornos do desenvolvimento. Nossa missão é produzir mudanças positivas, significativas e duradouras na vida dessas pessoas. Nós acreditamos que, com o tratamento correto, todos possam superar seus próprios limites e chegar mais longe. São inúmeras crianças, adolescentes e adultos atendidos direta e indiretamente por nossa equipe de profissionais com formação acadêmica em Análise Experimental do Comportamento e Análise do Comportamento Aplicada (ABA), e que somam mais de trinta e cinco anos de experiência em diversos contextos de trabalho.

2016 – Nasce a primeira clínica do Grupo Método, para atender crianças em idade escolar.

2019 – Foi a vez da Unidade 707, dedicada à intervenção precoce, 0 a 6 anos, e da Unidade 669, para adultos e adolescentes.

2020 – Foi o ano da Unidade 405, para treinamento, intervenção focal e psicoterapia.

2021 – Foi o ano da Unidade de Porto Alegre, que oferece intervenção precoce, infantil e psicoterapia, na R. Jari, 551.

Chegamos em 2022 com a unidade 441, espaço ampliado para jovens e o lançamento do All In Café, projeto experimental de preparação dos autistas para o mundo do trabalho. Neste ano também lançamos a Editora GMétodo e o GMep, Centro de Ensino e Pesquisa do Grupo Método.

Vamos reinaugar em breve a unidade 669, que será transformada em um centro de especialidades, incluindo fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional para todas as idades, e inaugurar uma Moradia Assistida para autistas que precisam de pouco suporte.

Todas na Avenida Padre Pereira de Andrade, em São Paulo.

Essa história está só no começo! Queremos ampliar o mundo do autista para dar a ele voz e a autonomia que pode e merece ter.



405



441



491



669



717



444

Junte-se a nós nesse desafio de tornar nosso mundo mais acolhedor e acessível a todos



 (11) 5083-6413

 www.gmetodo.com.br

 [gmetodo](https://www.instagram.com/gmetodo)

 (11) 99772-4700

 [GrupoMétodoIC](https://www.youtube.com/GrupoMétodoIC)

 [grupometodoic](https://www.facebook.com/grupometodoic)

C · A · N · A · L AUTISMO

VEJA ALGUNS DESTAQUES RESUMIDOS DO CANAL AUTISMO, QUE PUBLICA CONTEÚDO DIÁRIO SOBRE AUTISMO. PARA LER OS TEXTOS COMPLETOS DE CADA NOTÍCIA, ACESSE O SITE CANALAUTISMO.COM.BR

Corinthians tem primeira torcida de autistas do Brasil: os 'Autistas Alvinegros'



Foto de Gustavo Motta

Agora o Corinthians tem a primeira torcida de autistas do Brasil: os "Autistas Alvinegros", que estreou com a faixa no Parque São Jorge, em um jogo de futebol feminino. E, ao debutar no estádio do Corinthians, a Neo Química Arena, deu sorte ao time, que ganhou de 4 a 0 do Santos, pela **Copa do Brasil**. A incomum iniciativa ganhou apoio mesmo de torcedores que não são autistas e abraçaram a causa. Atualmente, oito pessoas — entre autistas e neurotípicos — compõem uma espécie de diretoria da torcida. Eles têm também um grupo de WhatsApp (com mais de 230 participantes, entre autistas, familiares e profissionais da área), usado para compartilhar informações a respeito do tema, além de um perfil recente no Instagram. Já com mais de 4 mil seguidores (no momento da publicação desta reportagem), o @autistasalvinegros.



Saiba mais no
canalautismo.com.br

Introvertendo lança episódios de autistas e as regiões do Brasil

O podcast Introvertendo, produzido por autistas adultos e com diálogos sobre o autismo, tem lançado episódios temáticos com as regiões do Brasil. No dia 12.ago.2022 foi a vez dos "Autistas da Região Nordeste". O conteúdo traz três pessoas diagnosticadas com autismo dos estados do Rio Grande do Norte, Sergipe e Piauí, para relatar suas experiências com o autismo.

Kelvin Luís é professor, Jefferson Carvalho é programador e Ana Beatriz é designer. Os três comentaram sobre questões sensoriais relacionadas a comidas típicas e festas locais. "Apesar de eu gostar do gosto, eu não gosto da aparência da comida. Por exemplo, tem o sururu. O gosto

é bom, mas eu não gosto muito da aparência das cores. Não só isso, mas tem outras comidas como vatapá, mocotó e pirão que eu eu não gosto muito dessas comidas aí. A aparência não colabora nesse momento", disse Kelvin.

Há ainda os episódio das regiões Norte (publicado dia 5.ago.2022), Centro-Oeste (19), Sudeste (26) e Sul (2.set.2022).

Os episódios estão disponíveis no Spotify, Deezer, Apple Podcasts, Google Podcasts, Amazon Music e CastBox, ou no player na versão online desta notícia (no CanalAutismo.com.br) ou no site Introvertendo.com.br – com transcrição dos episódios e uma ferramenta em Libras.



Introvertendo / divulgação

Visitas do Censo 2022 começaram em agosto; coleta inclui pergunta sobre autismo

Os trabalhadores responsáveis pelas visitas domiciliares do Censo 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), começam suas atividades dia 1.ago.2022. A coleta de dados ocorre em todo o país, com um questionário básico e um questionário da amostra. O questionário da amostra, que será aplicado a 11% dos domicílios, inclui, pela primeira vez na história, uma pergunta sobre o autismo. A Lei 13.861, de 2019, que obriga a inclusão da pergunta no censo, foi sancionada em julho de 2019, com a ajuda do apresentador Marcos Mion, que foi à Brasília para isso. Segundo o IBGE, “os resultados serão divulgados entre os anos de 2022 e 2025 em diferentes mídias, múltiplos formatos e em diversos recortes espaciais, buscando atender às demandas dos variados segmentos do público”.

Saiba mais no
canal [autismo.com.br](https://www.autismo.com.br)



Divulgação

Tornar consciência e respeitar as diferenças são atitudes para as **peças se encaixarem**.



Jamef
É JÁ!



Nossa parceria continua!

O quebra-cabeça é o símbolo do autismo que comprova sua diversidade e complexidade.

Cada um de nós pode ser uma peça fundamental para disseminar informações sobre esse transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a capacidade de comunicação e interação social do autista.

Em apoio a causa de conscientização da sociedade, colaboramos com a distribuição da Revista Autismo em todo Brasil.

Assim, ao conhecermos mais sobre o autismo podemos nos tornar peças-chave de sua difusão e contribuir para uma convivência social mais respeitosa e inclusiva.

Acompanhe nossas redes:



[Jamef.com.br](https://www.jamef.com.br)





Clínica Diversamente cede espaço para Instituto Rafa em SP

Graças a uma parceria oferecida pela clínica Diversamente, em Moema (bairro de SP, capital), a ONG Instituto Rafa passou a ter um local físico para desenvolver algumas atividades e reuniões. A iniciativa supre uma necessidade da ONG, que ainda não tem uma sede, apesar de já atender quase 250 pessoas, com mais de três anos de atuação.

“A ONG fornece um acolhimento, psicoterapia e orientação para as pessoas, o que entendo ser algo muito importante. Por isso apoiamos o projeto sempre que podemos”, argumentou o professor Lucas Figueiredo, diretor da clínica Diversamente.



Divulgação

Encontro do Grupo Método com palestras internacionais teve lançamento de livro

O 1º Encontro Grupo Método – Intervenção Comportamental, Ciência e Aplicação, foi realizado no último fds (16 e 17) em uma das unidades do Grupo Método, em São Paulo, e teve como objetivo inaugurar uma série de encontros com conteúdo interativo e instrutivo para profissionais envolvidos no tratamento do TEA, familiares e pessoas interessadas no assunto. Toda a programação foi pensada a partir do conteúdo do livro “Vamos fazer um combinado?”, que foi lançado pela editora GMétodo no final do primeiro dia do evento, e contou com a presença dos dois autores, Jill C. Dardig e William L. Heward.



Podcast Espectros

Marisa Furia fala sobre maternidade, políticas públicas e envelhecimento no podcast ‘Espectros’

Graduada em Química e em Letras, Marisa Furia é uma das precursoras do ativismo no autismo no Brasil. Após receber o diagnóstico de autismo do filho em 1980, se juntou com várias famílias e consolidou o movimento por direitos para autistas no Brasil com a Associação

de Amigos do Autista, a AMA. Ao longo dos anos, também participou de diferentes conselhos relacionados à deficiência. Marisa foi a personalidade do mês de julho do podcast Espectros. No mês de agosto — mês do Dia dos Pais — o entrevistado foi Fernando Cotta, do Movimento Orgulho Autista Brasil (Moab). Em junho tivemos a jornalista Sophia Mendonça, do canal Mundo Autista, do Youtube, e repórter da Revista Autismo.



Divulgação

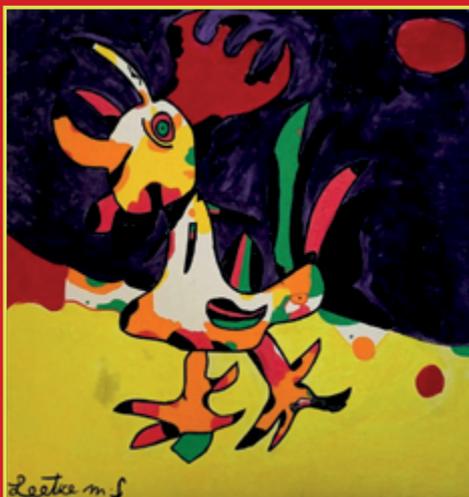
#AutistaEmTodoLugar

Híbrido, seminário internacional TEArteiro acontece em setembro, em SP

Em setembro deste ano, nos dias 23 e 24, acontece o seminário internacional TEArteiro, que será híbrido: presencial no teatro do World Trade Center em São Paulo (SP) ou inteiramente online. Os ingressos já estão à venda no site www.tearteiro.com.



Saiba mais no canal autismo.com.br



TEArteiro / Letice Santiago



Divulgação

Matraquinha lança livro ilustrado para auxiliar na comunicação alternativa

O que você faria para oferecer mais qualidade de vida para seus filhos? A família do Gabriel Yamuto, diagnosticado com autismo, e criadora do app de comunicação alternativa Matraquinha, lançou o livro ilustrado “Matraquinha — Autistas independentes através da comunicação”.

São 104 páginas com figuras dos mais variados temas, como, por exemplo: animais, alimentos, transporte, emoções, lugares, escola etc. O livro impresso está disponível na Amazon para compra imediata.

Todos temos diferenças,
mas o respeito é algo
que precisamos ter
em comum.



Azulcargo
Express

Mais barato do que você pensa.
Mais rápido do que imagina.

☑ www.azulcargoexpress.com.br | ☎ Central de Atendimento: (11) 4003-8399

Maior parque aquático do país inaugura atividades com acessibilidade para autistas

O Thermas Acqualinda, localizado em Andradina, no interior de São Paulo, foi inaugurado nesta quinta-feira (30). Na ocasião de lançamento, o parque anunciou ser totalmente acessível para autistas.

Entre as funções de acessibilidade oferecidas pelo parque está o Quiet Room, um espaço com regulagem de luzes e silencioso para ajudar pessoas com crises sensoriais.

Saiba mais no canalautismo.com.br



Divulgação

O Estranho Caso do Cachorro Morto ganha nova edição

O Estranho Caso do Cachorro Morto, um dos livros ficcionais sobre o autismo mais famosos da década de 2000, ganhou uma nova edição reformulada

em língua portuguesa. Com produção da editora Galera, a obra recebeu um novo projeto gráfico assinado pela ilustradora Paula Cruz.

Todas as intervenções que seu filho precisa em um só lugar e sendo aplicadas com muito **cuidado, amor e profissionalismo.**

 AUTISMOSOMAR

 AUTISMOSOMAR.COM.BR

UNIDADES (PE)

PIEIDADE

Rua Coronel
Waldemar
Basgal 344
(81) 3203-6719

TORRE

Rua Marquês
de Maricá, 48
(81) 3441-5656
(81) 3039-5656

BOA VIAGEM

Rua Dona
Benvenida de
Farias, 465
(81) 3465-3913

OLINDA

Rua José
Batista da Costa
Azevedo, 37
(81) 4100-1166




SOMAR
Special Care

A AUTODEPRECIAÇÃO NA SÍNDROME DO IMPOSTOR

Introvertendo



Thaís
Möskén

Ilustração: Camilla Ali Chair @camila_alli

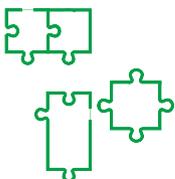
é engenheira civil pela Universidade de São Paulo (USP), administradora de sistemas, autista e apresentadora do podcast Introvertendo.

-  introvertendo
-  @introvertendo
-  introvertendo
-  www.introvertendo.com.br

Há muitos anos, quando eu era criança, costumava julgar as pessoas de forma bastante rígida e dar mais valor às que eu achava que possuíam as qualidades que eu admirava, como capacidade lógica. Eu tinha bastante orgulho da minha própria inteligência, me sentindo superior à maioria das pessoas que conhecia. Até que essa situação se inverteu, pois no ensino superior

eu me vi em meio a muitas dificuldades que me fizeram acreditar na minha completa incompetência.

Considerando a mim mesma como uma falha no único atributo que eu realmente valorizava, a inteligência, passei a me ver como “um lixo”, e tudo o que eu fazia me parecia “um lixo” também. Quando finalmente consegui um emprego, tive receio de que tivessem cometido



um engano e que fossem me demitir a qualquer momento. Cada vez que eu fazia algo, e recebia um agradecimento ou elogio, pensava que era apenas por gentileza, porque o que eu tinha feito parecia simples demais, insignificante demais para merecer um elogio.

Quando recebi a minha primeira promoção, depois de apenas seis meses de trabalho, achei que faziam isso com todo mundo, ou que talvez não tivessem percebido quantos defeitos havia em tudo o que eu tinha feito até ali. Com frequência, eu trabalhava até de madrugada sem ninguém me pedir, porque achava que não tinha feito o suficiente durante o dia. Pensando friamente, eu sabia que algumas dessas coisas não faziam sentido, mas a sensação de ser uma fraude no trabalho e na vida como um todo permanecia. Até um dia em que eu respondi a um elogio apontando minhas próprias falhas e essa pessoa me explicou o que era a “síndrome do impostor”.

Em resumo, a síndrome do impostor consiste em criar uma ideia de si mesmo como alguém incapaz, que nunca é bom o suficiente no que faz, levando a pessoa a não conseguir apreciar quando outros



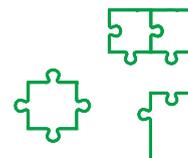
a reconhecem, porque não se acha merecedora. Na minha percepção, algumas das nossas características como autistas podem nos levar a esse problema e assim estimular ou potencializar quadros de depressão. E por isso acho importante que estejamos conscientes sobre a síndrome do impostor.

Não é difícil imaginar que encontraremos defeitos no que fazemos quando passamos algum tempo analisando os detalhes de algo e buscando a perfeição. Quando sabemos o que estamos fazendo, é natural perceber as falhas do nosso próprio trabalho. E é importante a consciência de que nem sempre temos os recursos necessários para corrigir essas falhas e aperfeiçoar nossa criação. Pela palavra “recursos” entenda-se não apenas dinheiro e itens que

podem ser adquiridos por meio de uma compra, mas também o próprio tempo. Por outro lado, às vezes é difícil perceber como algo simples e imperfeito que fizemos pode ter melhorado muito a situação de outras pessoas, simplificado seu trabalho ou lhes dado mais segurança.

Por isso é necessário separarmos

os conceitos de autocrítica e de autodepreciação. A autocrítica se refere a nos avaliarmos, percebendo nossos pontos fortes e fracos, para que possamos nos aprimorar. A autodepreciação é puramente autossabotagem que induz à depressão. Então, se você, leitor, em algum momento começar a se depreciar, recomendo que faça uma pausa para pensar friamente se você não está apenas se autoflagelando pela síndrome do impostor.



1 EM 30 NOS EUA

Estudo recente aponta número maior na prevalência de autismo em relação ao número oficial dos Estados Unidos

Um estudo publicado na JAMA Pediatrics dia 5.julho.2022, realizado com 12.554 pessoas e dados de 2019 e 2020, revelou um número de prevalência de autismo, nos Estados Unidos, de 1 autista a cada 30 crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos. A prevalência mais atual divulgada em dezembro de 2021 pelo CDC (sigla em inglês do Centro de Controle e Prevenção de Doenças), órgão do governo dos EUA, considerada uma das mais relevantes do mundo, é de 1 em

44, com dados referentes a 2018. O próximo número oficial do CDC deve ser divulgado em 2023 (com dados relativos a 2020).

Para o cientista Diogo Lovato, geneticista molecular da Tismoo Biotech, “dados estatísticos são muito importantes para guiar todas as decisões de um país, seja no setor público ou no privado. Também não apenas em saúde e educação, mas em tudo. Entendendo cada vez mais o número relevante de pessoas com necessidades especiais já

diagnosticadas com TEA, é essencial haver posturas significativas dos governos, empresas, sociedade civil etc., para respeitar, entender e acomodar essas pessoas na sociedade. Os números mostram cada vez mais que a diversidade existe e não é rara, muito pelo contrário, é parte essencial e importante da humanidade”, explicou Lovato, que é doutor em biologia molecular e especialista em modelos genéticos do TEA.

Liderados por Wenhan Yang, os pesquisadores deste estudo de prevalência usaram dados da National Health Interview Survey (pesquisa realizada anualmente pelo CDC) para mostrar que o número de diagnósticos de transtorno do espectro do autismo (TEA) em crianças e adolescentes estadunidenses está aumentando desde o início das pesquisas. A diferença é que o CDC avalia crianças de 8 anos e, neste estudo recente da equipe de Yang,

foram considerados indivíduos de 3 a 17 anos. A prevalência em 2019 foi de 1 em 35; em 2020, 1 em 28. Considerando-se os dois anos, o número final foi de 410 autistas em 12.554 indivíduos, ou seja, 1 em 30.

Meninos x meninas: 3,5 para 1

Os meninos nos EUA continuam sendo a maioria dos diagnósticos. Porém, o número era de 4 para 1 (4 meninos para cada menina, verificado nos estudos anteriores), e este estudo demonstra uma tendência de queda para uma relação entre gêneros de 3,55 para 1 — dos 410 diagnósticos avaliados no estudo, foram 320 homens para 90 mulheres. É importante lembrar a diferença entre a faixa etária dos dois estudos — o do CDC é de 8 anos; este é de 3 a 17 anos de idade.

Embora o novo estudo não tenha discutido as razões para o aumento

do TEA entre as crianças americanas, os especialistas já disseram que a intensificação no número de diagnósticos pode ser atribuída a um aumento na conscientização sobre o TEA por pais e médicos. No entanto, o CDC admite que o diagnóstico de TEA é “difícil”, pois “não há exame médico, como um exame de sangue, para diagnosticar o distúrbio. Os médicos analisam o histórico de desenvolvimento e o comportamento da criança para fazer um diagnóstico”.

Números da pesquisa

O estudo completo publicado na JAMA Pediatrics pode ser acessado no link da versão online desta reportagem, onde a tabela com os dados do referido estudo científico está disponível. ➡



Liga dos Autistas


 @liga.dos.autistas


Jonatas
Silva
Ribeiro

é analista de infraestrutura, especialista em administração de sistemas de informação e novas tecnologias educacionais, investidor, marido da Palloma, pai do Bryan e autista com suspeita de altas habilidades.

Ilustração: tio .faso - @seeufalarnaosaaidireito

A PATERNIDADE DO PAI AUTISTA

Ao buscar na internet por “paternidade e autismo”, encontra-se tudo sobre pais de autistas, mas não sobre pais autistas. Por isso, vou compartilhar um pouco da minha vivência como autista e pai.

Como todo mundo que já foi pai/mãe um dia sabe, o nascimento de um(a) filho(a) decreta uma série de mudanças de rotina e padrões de vida, e neste exato ponto, que já configura um desafio para muitas pessoas, para mim iniciou-se uma odisseia. As costumeiras noites sem dormir, a alteração drástica nos horários da agenda diária, a destituição de algumas rotinas e a criação de novas se mostraram como desafios complicados e de difícil adaptação.

Sempre brinco em rodas de conversa e palestras que, como todo mundo sabe, crianças são criaturinhas caóticas que não seguem padrões, e quando seguem o fazem de forma diferente do esperado, algo que incomoda muito com o passar dos meses.

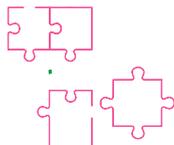
Toda essa situação, somada ao que já acontecia no trabalho há alguns anos, me

fizeram procurar por auxílio psiquiátrico, de onde, depois de muitas sessões, foi fechado meu diagnóstico. Em sequência, iniciei tratamento com um psicólogo para tentar lidar melhor com o trabalho e ajudar a melhorar meu convívio com meu filho.

Praticamente todo mundo diria que teve/tem dificuldade em lidar com desobediência, birra, exigência de parar tudo que está fazendo e dar atenção imediata por qualquer motivo, trocar a agenda do dia em prol de uma necessidade inesperada da rotina da criança etc.

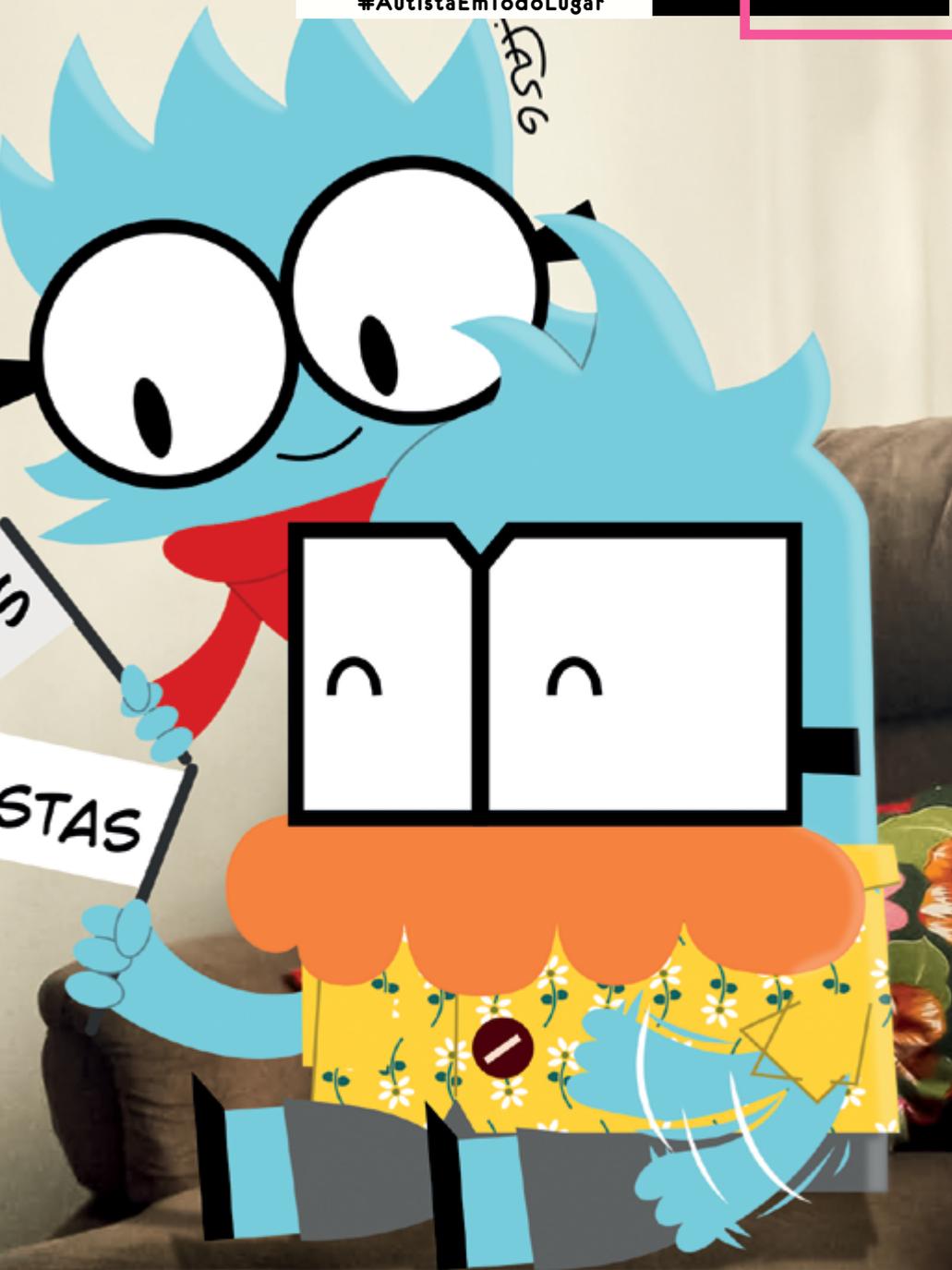
As pessoas não entendem que ao dizer “eu tenho dificuldade em não seguir regras, trocar meus horários” não se trata de um capricho, mas do funcionamento do meu cérebro, que é diferente. Posso tentar me adaptar? Sim (algo que faço muito), mas todo esforço em exagero que um autista faz, indo contra o seu funcionamento padrão, gera um preço a ser pago (seja na hora ou depois de um tempo), com crises como meltdown ou shutdown.

É difícil relatar tais coisas,



SOMOS
AUTISTAS

#AutistaEmTodoLugar



pois o julgamento da sociedade cai como um raio me apontando como inapto para ser pai. Eu amo meu filho, me esforço muito para ser o pai que ele precisa e choro nas muitas vezes em que me sinto alguém do que ele merece, assim como qualquer pai.

Na idade certa, vou explicar o que é autismo a ele, para que

entenda as minhas dificuldades, e que mesmo não sendo como outros pais, ainda o amo e faço tudo que posso, só que de um jeito diferente.

A você, peço que reflita, entenda e propague o fato de que ser um pai autista não é ser menos pai. É simplesmente ser um pai diferente, mas no bom sentido.



curso em vídeo

Cursos
Gratuitos de
**Tecnologia e
Marketing
Digital**

Criação de sites,
Programação,
Word, Excel e
muito mais.



 **curso
em vídeo**
cursoemvideo.com



FATIMA DE KWANT

é especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radicada na Holanda desde 1985. É mãe de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA e ativista internacional pela causa do autismo

✉ autimates@gmail.com

🌐 www.autimates.com

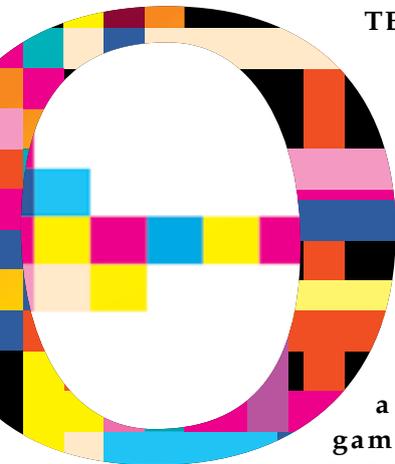
📘 Autimates

📷 @fatimadekwant

#AutistaEmTodoLugar

ADOLESCENTES AUTISTAS

O desafio de guiar jovens com TEA durante a fase mais delicada do desenvolvimento humano



TEA - transtorno do espectro do autismo é uma deficiência complexa, sem modelo único, o que faz com que cada pessoa autista tenha a sua própria gama de habilidades e de dificuldades. Na adolescência, surge uma nova preocupação para os pais, pois seus filhos mudam, não somente física, mas emocionalmente.

Enquanto crianças, os pais se ocupam para que os filhos autistas recebam uma educação inclusiva e se saiam bem na escola, tanto no aprendizado pedagógico quanto nas habilidades sociais. Nessa época, é difícil imaginar que seus filhos crescerão, o que, um dia, com certeza, acontece. Os anos seguintes à infância irão marcar

a vida do autista, quando haverá a busca de sua identidade como qualquer outro jovem.

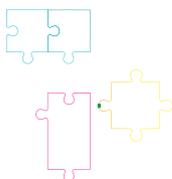
Se a infância é a fase mais importante do desenvolvimento humano, a adolescência é a mais difícil devido às mudanças físicas, psicológicas e sociais. Na puberdade, o corpo muda, sendo o primeiro sinal visível de que a criança está passando para a fase seguinte. Voz grossa para os meninos, menstruação para as meninas, pelos pubianos, odor corporal mais forte, surgimento da libido sexual e insegurança emocional são algumas das mudanças na puberdade.

Algumas famílias relatam que o autismo de seus filhos só ficou patente quando entraram nessa fase, o que não é raro no autismo nível de suporte 1, o mais leve. Enquanto pequenos, apesar de alguns desafios na comunicação, socialização e no comportamento, o autismo com pouca necessidade de suporte pode passar imperceptível para pais e professores. No entanto, ao deixarem o ensino fundamental e entrarem na fase seguinte, muitos desses adolescentes passam por uma

mudança bem radical, não somente física, mas principalmente emocional.

O ambiente previsível e seguro que a maioria recebe nos primeiros anos de idade, de repente, se torna maior, caótico, e imprevisível. As escolas de ensino médio não têm o caráter protetor das escolas anteriores, e viram um mundo novo para muitos adolescentes, onde estes já não têm mais a companhia dos amiguinhos da antiga escola, nem a professora compreensiva, ou seja, a distância (comunicação) entre a família e a escola aumenta.

Portanto, é nessa transição que muitos jovens autistas começam a apresentar sinais em seus comportamentos que preocupam seus pais, e é bem capaz que esta fase seja o início do diagnóstico de TEA. Os que já possuíam laudos, mas estavam relativamente bem incluídos na escola, ainda assim, podem apresentar uma virada na conduta geral e até mesmo no seu desempenho acadêmico. Sem dúvida, é um momento delicado para a família o de buscar entender o que se passa com o jovem nesse período.



Devemos lembrar que a adolescência é um momento delicado para qualquer jovem. No aspecto emocional, estão em busca de sua identidade, de quem realmente são, do que gostam, do que não gostam, a sua preferência sexual, e o mais importante: a busca pela aceitação de seus pares - até mais que a de seus pais, nessa fase de crescimento. Esses jovens, meninos e meninas, começam a se comparar com seus colegas, a imitarem comportamentos de quem consideram *cool* e a evitarem o que a maioria rejeita. A adolescência é a fase do "fazer parte". A imitação volta a ser tão importante quanto nos primeiros anos de infância.

As famílias costumam notar o comportamento que muda, mas com frequência se sentem incapazes de ajudarem seus filhos. Nesse sentido, vemos, por vezes, adolescentes que antes interagiam com seus pais e nesta fase já não querem mais conversar com eles, ou um baixo desempenho nas atividades pedagógicas, ou muita introspecção. Como sempre, não há uma fórmula mágica que antecipe como uma criança vai



Ilustração: Samanta Paiva

se comportar na puberdade, porém nunca é demais que pais se informem sobre o que costuma acontecer na fase que está por vir.

Grandes desafios

"A fase da adolescência é mais longa para os autistas" — a afirmação não é incomum. Muitos

O autista adolescente, mesmo sem diagnóstico, acaba por perceber que é diferente dos demais.

adolescentes e adultos autistas não se comportam como os pares da mesma idade. Não é raro que mantenham atividades ou hobbies considerados ultrapassados pelos amigos: desenhos animados, coleções variadas, revistas em quadrinhos, jogos infantis e outros hiperfocos que diferem daqueles característicos da maioria de pessoas não autistas. Alguns escondem essas preferências de seus colegas, com medo de serem julgados por eles; outros, quando revelam essa parte mais jovem, podem sofrer com o *bullying* que costuma acontecer, principalmente no ensino médio.

Fato é que o autista adolescente, mesmo sem diagnóstico, acaba por perceber que é diferente dos demais e encontra



uma grande dificuldade de se encaixar em grupos da mesma idade nas conversas.

“Toda vez que eu acho que é minha vez de falar, outra pessoa muda de assunto.”

“Eu nunca sei quando é minha vez de falar, então acabo ficando calado.”

“O pessoal ri de mim, mas eu nunca entendo o porquê”.

Não é fácil ser um adolescente autista. Se é bom aluno, todos esperam que saiba se comportar como os outros e entender tudo, sem explicação. Às vezes, até na própria família existem cobranças de um comportamento que o jovem autista não consegue ter, se não houver um acompanhamento terapêutico que funcione como elo nessa compreensão das regras sociais (não escritas) dos neurotípicos. Como a expressão facial/corporal, o modo de falar, andar, a linguagem, o contato visual, a distância física entre pessoas (ao falar, não chegar perto demais do outro, invadindo seu espaço físico), etc. Muitas vezes é nessa época que o jovem autista se dá conta de que é diferente.

O que a família pode fazer

Autistas sempre serão autistas. O melhor que a família faz é encontrar maneiras de o jovem cultivar uma boa autoestima. Trabalhar a autoestima do jovem autista vai colaborar para que ele/ela tenha uma ideia real de si mesmo, busque sua identidade, sabendo que o autismo é parte dela, sem se sentir diminuído por isso. Nesse sentido, é uma fase em que sessões com um psicólogo (com conhecimento em TEA) podem ser essenciais.

Os pais podem ajudar em muita coisa, porém, não em tudo. O diálogo com a escola pode ser bem

efetivo para dar atenção a situações que envolvam o autista e agir em favor do seu desenvolvimento e bem-estar. Em casa, dar espaço para seu filho também pode ser bom. Nem todos vão querer conversar com os pais e contar os detalhes que aconteceram na escola ou no clube. Forçar uma conversa não é favorável, mas estimular o filho a falar sempre é. Fazer perguntas curtas, para ter uma ideia do que se passa na cabeça dele.

Cuidado com o *feedback* de que estão “cansados”. Isso pode ser um jeito de não saberem expressar que estão tristes, com medo, ou ansiosos. Lembrem-se que a comunicação, ou o modo de expressar desconforto emocional, não é sempre igual ao dos jovens neurotípicos. Pais e professores devem interpretar o que o jovem tenta dizer, com perguntas diretas, para ajudá-lo a nomear o sentimento.

“Eu sou autista e muito mais!”

Na busca de sua identidade, saber-se autista é muito importante, ainda que o jovem decida não revelar o autismo. Conhecer suas habilidades e dificuldades vai trazer-lhe autoconhecimento.

Muitos jovens autistas não querem falar sobre seus autismos, por vergonha (de não serem iguais aos outros), por receio de julgamento. Nesse caso, ainda se não houver diálogo, seus pais devem deixar claro que o aceitam e estarão sempre a seu lado para quando quiserem conversar.

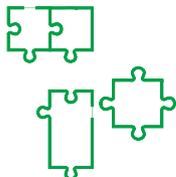
Sempre que houver preocupação com o comportamento do adolescente autista, as perguntas-chave são:

- Quais são os problemas que esse jovem apresenta?
- O que vai bem e o que não vai?
- O que impede o jovem de se

sentir bem?

- Como mudar o novo comportamento?
- Quem pode ajudar nessa mudança de comportamento?

A adolescência é uma fase que pode durar bastante para o jovem com TEA, porém, assim como qualquer fase, será superada. Com o apoio da família e dos profissionais que os atendem, esses jovens estarão aptos a evoluir para a vida adulta. ✚



Quer saber mais sobre autismo?



Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Acesse

CanalAutismo.com.br/assine

7 MOTIVOS

PRA VOCÊ FAZER UM EXAME GENÉTICO NA TISMOO AGORA!

1 O risco de autismo é majoritariamente genético e em 81% dos casos hereditário;

2 Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode viabilizar um tratamento personalizado;*

3 Existem mais de 1.000 genes diferentes associados ao autismo, sendo que 102 deles possuem maior relevância;**

4 Com o sequenciamento genético é possível identificar outras condições de saúde ou síndromes;

5 • Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode ajudá-lo(a) a participar de ensaios clínicos personalizados;

6 • A Tismoo é o primeiro laboratório do mundo exclusivamente dedicado ao TEA e conta com uma plataforma de bioinformática, especialmente construída para o autismo;

7 • Além do laudo, a Tismoo faz uma reunião pós-teste com seus especialistas e explica detalhadamente os resultados para família;

* a possibilidade ou não de um tratamento personalizado está condicionada aos achados do sequenciamento.

** Pesquisa analisou sequenciamento genético de mais de 35 mil autistas e elevou para 102 o número dos principais genes ligados ao TEA.

Quer saber mais sobre os nossos exames?

tismoo.com.br

cel. +55 11 95638 4178

tismoo
THE BIOTECH COMPANY

*Vale destacar que o diagnóstico de autismo é clínico e um médico especialista deve ser consultado.